UNIV. OF
TORONTO
LIBRARY

O SINAL DA SOMBRA

20880

DO AUTOR

Exiladas. Livro de versos. Coimbra. A. França Amado, Editor — 1895.

A Cinza dos Mirtos. Poemas. Nova Goa, Índia Portuguesa. Imprensa Nacional — 1906.

Flores de Coral. Últimos poemas. Díli, Ilha de Timor, Insulindia. Imprensa Nacional — 1908.

De próxima publicação:

Plantas úteis da Ilha de Timor.

083588

ALBERTO OSORIO DE CASTRO

O Sinal da Sombra

Demain je ne percevrai plus ni les couleurs ni le soleil, et déjà sans doute je commence par m'en désintéresser.

PIERRE LOTI.

389952
12.3.41

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
Praça dos Restauradores, 17
1923

Porto—Imp. Portuguesa—Rua Formosa, 116

A
O
C
INTELLEGO
ET
AMO

OS FRISOS DO INTERCOLUNIO

E AS

FIGURINAS DE ARGILA

ETERNIDADE

Ao Sr. Dr. José Maria Rodrigues

SOB o *pschent* imperial o Faraó dormita.
Sonha, no vago sôno impassivel da pedra.
A voragem do dia um fogo triste agita.
Na flava solidão dos Areais nada medra.

E obscuramente o olhar do Faraó medita.
Espera! Já talvez a Flor de Lódão medra...
A chama devorante e trémula palpita.
Aguarda um dia mais o Faraó de pedra.

Mas um frio feral sopra dos Hipogeus.
Cai no abismo da Sombra o sol morto. Nos ceus
Um ritual ilumina as leves cinzas mortas.

E cisma o Faraó... Pois dos seus já não vem,
Num cortejo de luz e lágrimas, ninguem!
Do lutuoso esplendor de Tebas-das-Cem-Portas!

Lahane, Maio de 1910.

A ESFINGE

Ao Dr. José Leite de Vasconcelos

NUM deserto doirado, ambígua esfinge, velas.
Ha milénios que o olhar lapídeo enches de trevas.
Já mudaram de forma os signos das estrelas
Desde que sobre o areal tua máscara elevas.

Caíram à tua volta as estirpes longevas
Como as glumas que o vento espalha das gavelas,
E, vagamente humana, às Pirâmides levas
Uma sombra, que faz mais triste a sombra delas.

Figura de magia encadeada ao rochedo,
Nem já sabes dizer o anseio funerário
Dos mortos de quem foste a guarda taciturna.

A guarda e o sortilégio eternamente quêdo.
Já como êles não tens nem sonho nem fadário.
Faz-te como êles pó, dura larva nocturna.

Díli, Maio de 1910.

A SÚPLICA DA MÚMIA

Á memória de M.me B. de Courrière

EM Antínoë morri nova e linda. As Sereias
Invejariam, sei, meu colo de mulher.
Minha pele espirava o aroma de *hacopher*.
Meu cabelo enliava embruxadas cadeias.

Quem meus beijos provou não quizera morrer.
Quando eu passava engrinaldada de ninfeas
O desejo no olhar dos homens e em suas veias
Era uma flor eternamente a eflorescer.

E este ventre fendido e que te causa horror,
Viandante! já foi uma rosa de amor,
Mais rósea que o revoar de ibis róseos em bando.

Deixa esperar na sombra a minha múmia escura,
E hoje de mim só lembra esta viva pintura.
Meu olhar assim foi, inebriante e brando.

Lahane, Maio de 1910.

O SORTILÉGIO DA OFICIANTE MORTA

«Osiris do Poente! Osiris do Poente! Osiris do Poente! Sou a tua irmã Isis. Ressuscita! Ressuscita! Ressuscita! Vem a mim!»

Do ritual antinoïta dos mortos.

Á Senhora D. Maria O'Neill

SENHORA do Paiz dos Aromas, Senhora
Dos dois Sistros, Hatór, Palma de renascença,
Deixai-me contemplar nesta treva tão densa
Vosso Espelho, que o suave sangue humano irrora.

Deixai-me renascer tão linda como outrora.
Que fiz, Isis! Hatór! Afrodite! Que ofensa
Vos fiz, que assim deixais na escuridão imensa
A vossa núbil, meiga e pálida Isidora!

No isíaco sendal adormeci, coroada
De perseas, e era um dormir acordada,
Osiris! a sonhar com teus olhos divinos.

Por minha incantação, vive! Imagem de Antínoüs,
Vive! e implora de Hathor para a minha alma doente
A frescura do vento aguião e da nascente!

Dfli, Maio de 1910.

A HIERÓDULA MENINA

Ao Visconde de Vila Moura

O mágico estridor dos sistros o cortejo
Segue no róseo areal entre loiras colinas.
No silêncio e na luz as promessas divinas
Pairam, miragens da água, em nacarado adejo.

Carpi, vozes de luto, harmónicas e finas!
A que, morta, é levada, inda ignorava o beijo.
Harpas, flautas, gemei, de insaciado desejo.
Dansas, ritmai a dor das vozes argentinas!

Em amorosa noite embalsamada e ardente
Homem, ou Deus, não viu abrir-se estranhamente
Lódão do seu olhar sombreado de alcofor.

Preparava no Templo o Perfume sagrado.
Areal, não peses, não, no seio inviolado!
Sombra, deixa dormir a alma sem amor!

Lisboa, 1917.

CLEÓPATRA

A Afonso de Dornelas

Eu, *Signifer* da coórte audaz dos Lusitanos!
Viu-me Cleópatra um dia em sua frente passar.
A Serpente do Nilo era na flor dos anos.
O mais airoso era eu na minha beira-mar.

—*Miles gloriosus!*—diz a Amiga dos Romanos.
—Vencei-me!—contestei. Nenhum sabe recuar
Dos meus, se ouve de Circe a voz meiga de enganos,
Se vêm à praia estiva as Sirenas cantar.

Era música, luz, e âmbares a nave
Em que ela me enlaçou toda a noite ardorosa.
Seu sexo embalsamava a noite nua e suave.

Deu-me por fim a morte a mão fina e enjoiada.
Não tremo ao relembrar o buír da punhalada,
Mas o espasmo de flor da Lágida amorosa.

Lahane, Julho de 1910.

BELKISS

Dedit autem regi centum viginti talenta auri & aromata multa nimis, & gemmas pretiosissimas, non fuerunt aromata talia ut hæc, quæ dedit regina Saba regi Salomoni.

PARALIPOMENON.

Á Senhora Condessa do Prado,
Marquesa das Minas

BELKISS, a rainha de Sabá, dormita
De sob palmeiras lânguidas. Os liões
Acordam as doiradas solidões.
Já freme a tarde férvida infinita.

Vêm do fundo dos lúcidos sertões
Caravanas de Ofir. O poente excita
O canto da chegada. Ulula e grita.
Soam trombetas, volvem-se pendões.

Belkiss ao alto do pilone assoma.
Scintila, esplende. É tudo em torno aroma,
Olíbano, o oiro, a mirra, a pedraria.

Templo do Bem Amado! A eterna ausente
Sempre vos lembra! Ao sólio reluzente
Ide, tesoiros de melancolia!

Lisboa, Novembro de 1918.

FESTIM DE CÁPUA

A Luís Chaves

pândura, o cinor, o saltérion e a lira
Casavam-se ao clangor das trombetas guerreiras.
Os vinhos da Campânia e o licor de Palmira
Enlanguesciam mais o olhar das bailadeiras.

Nas rosas do festim Anibal Barca aspira
Dêsse itálico outono as graças derradeiras.
— Roma odiosa!... Inda brilha entre águas de safira
Birsa, no oiro da luz e o verdor das palmeiras!...

— Gerusiastas! Não val saco de mil cidades?...—
Rodocleia, Elissar, e as do Bétis e Gades,
Têm da serpe o colear e a esveltez das gazelas.

Curva a fronte o Suféta. E, longe, vê nas frotas
De Cartago, que vão pelas púnicas rotas,
Uma sombra aquilina a poisar-lhe nas velas.

Lahane, Maio de 1910.

NA ACRÓPOLE DE PANTICAPÉON

A Alberto d'Oliveira

MITRIDÁTES, doirado, e no nimbo da tiara,
Vai no ocaso ainda olhar Mitras, a Eterna Luz.
Ao Scita aponta a mão, que de joias reluz,
E sobre as vírgens fulge a espada flâmea e clara.

Filhas! Ei-las num chão de púrpuras... tão rara
A gêma azul do olhar das mortas, que o seduz...
Suspira. Tarda o fim! E já de Signas luz
O arraial do Romano, e o assalto se prepara.

Mitras sangra no ardor da tarde de ónix. Glória
Dos Impérios, ó vã chama de oiro ilusória,
Que se alterna de sombra, e nas sombras descai!

Acêna. O Hoplíta brande o gládio. E Mitridátes
Num lance vê sorrir a luz de mil combates,
A vida!... Dum só talho a ardente fronte cai.

Lahane, Junho de 1910.

A EXALTAÇÃO DE COROPLASTA

A Mário Beirão

AMITONA, Cirina, Andrómeda, Anactoria,
Mégara, Telesila, Átis, Cidno, Pirrina,
E Mnais! almas de amor e de ânsia feminina
Que de Safo viveis na ardente, suave glória!

Pelos bosques de Sonho e Sombras da memória,
Ó Tánagras da morta insaciada e divina,
Praz-me vêr-vos cismar, a bôca triste e flórea,
Mãos dadas, desfolhando os lírios da petrina.

Sois a inutil beleza, a imperfeição de tudo,
O ardor, a inquietação do ser só e desnudo,
Que se inflama ao sentir a palpitar a vida.

Doce côro de amor e ilusão! Mocidade
Do sangue! Ó primaverà em flor! Ó ansiedade,
Insatisfeita sempre, e sempre inextinguida!

Lisboa, Janeiro de 1916.

NO BÔRO BÚDUR

(JAVA)

Ao Dr. Alfredo Pimenta

ARRABIS, atabales argentinos,
Charamelas e músicas guerreiras,
Seguem o Imperador ao Templo. Os «sinos»
Ao troar da noite estrugem nas clareiras.

Rasgam a terra as chamas das cumieiras...
A ira abranda dos Vulcões divinos,
Bôro Búdur de paz, entre as palmeiras!
Ouve dos homens o terror e os hinos!

Sobe o cortejo a espira dos mirantes.
E no tremor da terra e nos trovões
É mais forte o furor dos elefantes.

No alto do Templo o Imperador ajoelha.
Na madrugada fúnebre e vermelha
O sol irrompe aos gritos dos pavões.

Lisboa, Setembro de 1918.

A NOVIÇA

Decor Carmeli
Electa ut Sol
Pulchra ut Luna.

Lema profissional das Carmelitas.

A Afonso Lopes Vieira

TU que passas na claustra e calcas minha cova,
Sabe que um dia ao côro o ar primaveral
Meu sangue alvoroçou como a uma seiva nova.
Lembrava o Noviciado a galrear um pombal.

Donzela, deu-me Deus enfim aquela prova.
Era um gômo a rosear meu mongil nupcial.
Parece que ainda em mim a mesma flor renova
Quando espira da serra o aroma do giestal.

Que de flores na Cêrca! Açucenas, martírios,
Rosas a intumescer, roxo fogo dos lírios...
Sufocava-me quási o velho buxo em flor.

Subiu-me à fronte o ardor dêsse mês de Maria.
Eu gelava! E a pezar em meu corpo sentia
Meu Jesus todo chama, e co'o riso do amor.

Lahane, Maio de 1910.

KIRIÈ KAESAR!

Ao Dr. Anibal Soares

A última aurora imperial doirava
Constantinopla. O assalto irrompente,
Da Corna de Oiro no mosaico ardente,
Rasgava os ceus de trovejante lava.

A Metrópole de âmbar crepitava
Sob a rubra dalmática do oriente!
Grita de morte, o derrocar!... Fremente
O Turco já a muralha abalava...

Irrue!... Sucumbe o último Cesar! Langue
A Côrte é apenas um montão de sangue,
Joias, damascos, fastuosas lhamas...

A chusma ao Morto imperial procura.
Degola-o. Ergue-o. E na porta de chamas
O «Basíleus» de púrpura fulgura.

Lisboa, Janeiro 2, 1920.

PETITE CRÉOLE

Ao coroar a cabeça de Josefina com o diadema imperial, Napoleão disse-lhe a meia voz: — «Eh! bien, es-tu contente, petite créole?»

A Manuel Ribeiro, poeta e romancista

NO silêncio da neve e na bruma espectral,
Acossada, sinistra, a *Grande Armée* fugia...
Fugia! Pela estepa envolvente e feral
Um sudário de sombra e livor se entreabria.

Já um gelo de morte os batalhões tolhia.
Gela à bôca já pedra o clangor de metal.
A alma da Velha Guarda era vaga e sombria.
A alma do Imperador era dura e glacial.

Chama rútila em torno a um frio e hostil Kremlin,
Domara a graça e o orgulho arquiducal, emfim,
Em seus braços... E ruía o sonho todo sol!...

Notre Dame, tão longe! ao bronzeo ardor dos sinos!...
Que doce, no aclamar dos canhões e dos hinos,
O amoroso calor da *Petite Créole!*

Lahane, 1910.

ANGKOR

«Ainda que pareça desviarme da hystoria, q̃ tratei neste capitulo, da Christandade de Camboja, cõtudo não deixarey de dizer algũa cousa de hũa cidade que neste Reino se achou, estando eu nestas partes, por ser hũa cousa estranha & admiravel».

Ethiopia Oriental, II tomo, L. 2.º, Cap. VII — «Relação da cidade de Angòr».

Ao Dr. Luís Xavier da Costa, sábio e artista

COUSA estranha e admiravel! No sertão,
Eu, Padre Frei Silvestre, em pasmo, eu vi-o,
Na manhã de oiro, poderoso e frio,
Angòr, templo das feras da soidão!

Quem semeou de ruinas mil o chão?
Quem maravilha tal poz no bravio?
Ninguem no conhecia! Eu vi-o, eu vi-o,
De inominados Ídolos mansão.

Meu piedoso Jesu, jámais te erguemos
Traça igual! Obra de Anjos ou de Demos?
Claustros e torres pelo ceu subindo!

Dentro a sombra e o silêncio da floresta.
E lá, peréne, misteriosa festa,
De oiro puro doze Ídolos sorrindo!

Lisboa, Janeiro de 1920.

TEMPLOS SUBTERRÂNEOS

«... Os quais são de estranho & imenso feitio; porque cada hum d'elles he aberto em uma serra de pedra viva, preta & dura como ferro, & lavrado por dentro com tanto engenho, & artificio, que toda a serra fica vã por dentro, & todo este vão é huma grande & formosa casa de hũa pedra mociça...»

Fr. João dos Santos — *Ethiopia Oriental*, II, Liv. 4.º, Cap. IX.

A Raul Lino

AQUI miríades de homens escavaram
Anos sem conto o imo da montanha.
De alto a baixo mil Ídolos lavraram,
Negros, sorrindo de alegria estranha.

Outro clarão espiritual já banha
Almas diversas das que aí rezaram.
Os altos Deuses, tenebrosa brenha,
No silêncio e na sombra se quedaram.

Outros templos virão. À inteira terra
O homem a escavará, no fim que o aterra,
Aos invisíveis ceus erguendo os braços.

Tudo silente, regelado tudo.
E a terra ficará, cadaver mudo,
Templo da morte errando nos espaços.

Lisboa, Janeiro de 1920.

ALCACER QUIBIR

A Henrique Trindade Coelho

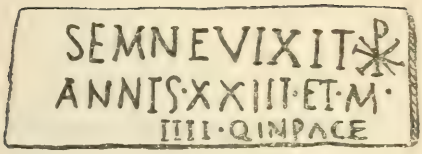
TÊR! Têr!—E à fatal voz a Ala dos Ventureiros
Pára, rompe-se!... Em torno, o alvejante crescente
Da Moirisma, de novo encurva-se, fremente.
Ulula a chusma vil dos perros cavaleiros.

Enovela-se em pó a Cristiana gente.
Matar, morrer... El-Rei lá vai nos mais dianteiros.
Paira no plaino em fogo e o fulgor dos outeiros
Um cheiro atroz de sangue e entranhas, torvo e ardente.

«Morrer, mas devagar!...» A tarde é de carnagem.
Dos aduares o Alarve à pilhagem se atreve.
Abre-se o ceu do poente em purpúrea voragem.

Já sobre os mortos nus cai a sombra sangrando...
No surdo fermentar da noite do Mogreb
Passam hienas a uivar e chacais regougando.

Lisboa, Novembro 10, 1920.



Á Sr.ª D. Maria Leocadia de Barros Gomes
e à pura e nobre memoria de seu Pai

VINTE e três anos, mais quatro mezes, viveu
Sémne. Aqui em paz repousou no Senhor.
Era de Deus, voou bem cedo para os ceus,
Alumbrada a sua alma em sobrumano amor.

Nêste ermo lusitano exilada, aprendeu
De nós, escravos, toda a virtude da dor.
Dura Roma cruel, como ela te esqueceu!
Quebrou tua brônzea lei a filha do Pretor.

Na lápide marmórea o seu nome de morta
Gravo, trémula a mão. Entrou p'la Estreita Porta.
O seu nome de viva é nos ceus que se grava.

Sémne, como era lindo o teu rosto sangrando!
O teu colo a sangrar, lírio dúplice e brando!
Sémne, martir cristã, doce como uma escrava.

Lisboa, Maio 20, 1921.

CAMPESTRE

Ao Dr. Carlos Lopes de Quadros

DISSERA o padre os seus latins finais.
E ali ficava sob a leiva obscura
O velho amigo do bom padre cura,
O parceiro das noites invernais.

Junho de fogo. A nora nos quintais
Numa indolente inexpressão murmura.
Ao ceu de luz resplandecente e dura
Sobe de leve o fumo dos casais.

Entanto o gordo e rubro P.e João,
Batina aberta, à sombra do portão,
Desvia o olhar da alvura dos jazigos.

Espairecia, absorto, satisfeito,
Olhando em torno ao presbitério estreito
A fulva e larga ondulação dos trigos.

Coimbra, tempo de estudante.

DONA LEONOR

FERNÃO LOPES — *Crónica de El-Rei D. Fernando*, cap. CXXXIX).

A Agostinho de Campos

EM Évora, na calma. Ao terreiro dos Paços
A cavalgada chega, exausta da solina.
À câmara da Raínha um págem, que se inclina,
Prestes os dois conduz, fortes, airosos, lassos.

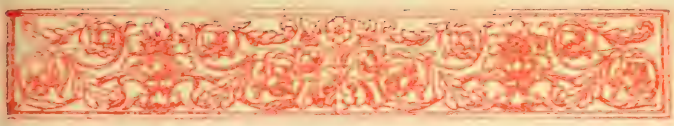
—Santa Maria val! Como vindes!—Felina
E linda, a Raínha rasga o véo em dois pedaços.
—Alimpai-vos! Tomai!—Ao irmão e ao Conde, a espaços,
Encara donairosa, e em risos se ilumina.

E em riso brando a Raínha escuta, sedutora,
(Tremem as mãos de anéis, finas e micidiais...)
O Andeiro, que segréda, ante ela ajoelhado:

—Quando mo vós de dar houvésseis, ah! Senhora!
Queria eu de vós o pano mais chegado,
Mais usado de vós, que este que me vós dais...—

Lisboa, Maio 1, 1922.

O MOSAICO DE NÁCAR



RUBAYET

PARA NUR BI DE AMÈDABAD

«Vadam ad montem myrrhæ & ad collem thuri».

VENS do banho nocturno como a palma
Baloiçando ao luar. A noite é calma,
Calmo o teu seio, do frescor da água.
Cheiras a sândalo e a jasmins, doce alma!

Canta na sombra a fonte do vergel.
As axorcas luzindo na tua pele
Tinem como o prateado jorro de água.
Fonte argentina, ó flor de âmbar e mel!

Sorris, e ao luar da lâmpada anielada
Tinges de alfena as unhas. Na alvorada
Has-de imitar a linda romanzeira
Pintadinha de fruta, na orvalhada.

Na bôca rósea e violeta
Têm um brilho de laca preta
Teus pintados dentes iguais.
Ó flor negra, rósea e violeta!

Nur Bi! e o teu sorriso é mais
Suave que o brilho dos corais
Negros, que a luz da laca preta,
E que os rubis dos teus sertais.
Ó flor negra, rósea e violeta!

Não inebria o vinho de Xirás
Mais que os beijos tão longos que me dás.
Não tem um vinho assim, minha sultana,
O que na Terra de Repoiso jaz.

Meu bulbul do rosal, ó meu cipreste
Esvelto! O brilho doce que tiveste
Nos teus olhos de amor, como de morta,
Em que olhar de *Pèrí,* dize, o aprendeste?

Minha airosa palmeira dos Areais,
Fonte de vida a cantar nos rosais,
O que valem Huris do Paraíso
Sem os teus braços doces e mortais!

São tão fundos teus olhos surpreendentes,
Sombreados a alcofor! Negros e ardentes.
A noite é azul como as tuas tatuagens.
Vela, bulbul, nas sombras transparentes.

De vètivér e penas de pavão
O teu leque desenha um coração
Picado de élitros de insectos verdes.
Vê, já te cai da moreninha mão.

Ó meu vaso de estíbio, meu perfume
Do nardo, graça das Huris implume,
Ó grão de mirra fino e bruno ardendo
Eternamente, num suave lume!

Vida, nuvem que passa, colorida
Por um raio de sol! E desflorida
Em breve se dissolve ou cai na terra.
Embebe-te na luz, ó vida, ó vida!

Lahane, Março de 1910.

NIGRA SUM

A Severo Portela

cheirosinhas a nardo,
Caroucha me haveis de achar,
Côr das tendas dalgum bardo
De cabreiros de Kèdar.

Sou trigueira, mas formosa,
Filhas de Jerusalem.
Não tem moça mais airosa
El-Rei Salomão no harem.

O sol poz-me tisnadinha.
Como a uva já pintava
A meus irmãos eu guardava
No ardume do sol a vinha.

A modos que do queimór
Fiquei como que afrontada.
Ai! saltaram-me à latada,
Vindimaram do melhor.

Lahane, Agosto de 1910.

A QUADRA DE ABLÁ

SE comer mel pelo gume da espada
Pode golpear-se a língua o meu amor.
Mas se num beijo da mulher amada,
Ha de na alma ferir-se o meu Senhor.

DO POETA PERSA CHAHID

(SÉCULO X.º)

(Sôbre a tradução de James Darmesteter)

Cheguei já noite fechada
Ante o deserto de Tus,
E um môcho ouvi numa achada
Onde um dia, na alvorada,
Saüdava um galo bravo a luz.

Perguntei co'a melhor graça:
—Que novas dás do deserto?
Respondeu-me só:—Bem certo,
Esta: desgraça! desgraça!
—Uma nova mais fagueira
Dizer não sabes?—Se dera
Fumo a dor, como a fogueira,
Nunca desaparecera
A noite da terra inteira.

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

(Sôbre a tradução de Ernesto Renan)

> «La Sulamite fut une sainte en son temps. Elle marque la première apparition de la vertu de l'amour, le moment où, sensuel encore, l'instinct profond que Dieu a caché au sein de la nature humaine atteint, dans la conscience libre et fière d'une jeune israélite, la sphère plus haute de la morale».
>
> E. Renan.

A Jean de Gourmont e a M.me Suzanne de Gourmont

PERSONAGENS

A Sulamita, rapariga da aldeia de Sulem, na tribu de Issacar.
O Zagal, namorado da Sulamita.
El-Rei Salomão.
Irmãos da Sulamita.
Damas do harem de Salomão.
Donas de Jerusalem.
Moradores de Jerusalem.
Áulicos do séquito de Salomão } personagens mudos.
Paraninfos do Zagal }
O côro.
Sábio — tirando a moralidade do poema.

ACTO I

(É suposto representar a scena a Salomão rodeado de seu serralho)

SCENA I

UMA DAMA DO HAREM

Quem dera a minha alma louca
Com um beijo da sua bôca!...

AS DAMAS DO HAREM, *em côro*

São mais doces teus carinhos
Que os mais preciosos vinhos,
Mais cheirosos que os aromas.
O teu nome é tão fragrante
Como um bálsamo entornado.
Por isso as donzelinhas
Te trazem no seu agrado.

A SULAMITA

(Trazida à força e dirigindo-se a um amigo ausente)

Arrebata-me contigo.
Correrei após, âmigo,
O rastro dos teus perfumes.
El-Rei me introduz no harem.

AS DAMAS DO HAREM *a* SALOMÃO

Nosso deleite e carinhos,
Tudo quizéramos dar-te!
Bem melhores do que os vinhos
São os teus beijos de amor!
Como ha razão para amar-te,
Nosso formoso Senhor!

A SULAMITA

Sou morena mas formosa,
Filhas de Jerusalem,
Como as tendas de Cèdar
Ou os pavilhões de El-Rei.

Não olheis de eu ser morena.
Deixou-me o sol nesta guerra.
Os meus irmãos lá na terra
Pelejaram contra mim,
Porque não vo-lo direi?
Deram-me a guardar a vinha,
Minha vinha não guardei!

SCENA II

A SULAMITA, *sonhando*

Ó tu que a minha alma ama,
Diz-me onde andam os teus anhos,
E onde à sombra do meio-dia
Estendes a tua cama,
Para não andar perdida
Atraz dos outros rebanhos
Dos pastores teus amigos.

UMA DAMA DO HAREM

Se és ainda assim tão simples
Nesta casa dos amores,

Ó mais linda entre as mulheres,
Volta a seguir teus rebanhos
E a apascentar os teus anhos
Junto às choças dos pastores.

SALOMÃO

À minha égua atrelada
Aos carros de Faraó,
Minha amiga, te comparo.
Ornam só fios de perlas
Tuas faces! No pescoço
Tens fiadas de coral.
Far-te hemos colares de oiro
E marchetados a prata.

SCENA III

A SULAMITA, *só*

Enquanto El-Rei se repousa,
O nardo que me perfuma
Fez-me sentir seu aroma.

Meu amado é para mim
Um ramalhete de mirra.
Repousará nos meus seios.
Meu amado para mim
É como um cacho da alfena
Nos vinhedos de Engadi.

SALOMÃO, *entrando*

És formosa, amiga minha!
Sim, és bela entre as mais belas.
Teus olhos são os das pombas.

A SULAMITA, *dirigindo-se ao seu amigo ausente*

Ó meu amado, és formoso,
Ó amor meu, e gracioso!
Nosso leito é de folhagens.

SALOMÃO

As traves do meu palácio
São de cedro. E nossos tectos
Da madeira do acipreste.

A SULAMITA, *cantando*

Sou a cecem de Saron,
Sou o narciso dos vales!...

O ZAGAL, *entrando repentinamente em scena*

Como a açucena no meio
Dos espinhos, minha amiga
É entre as mais raparigas...

A SULAMITA

Como a macieira entre as árvores
Do bosque, tal meu amado
É entre os outros rapazes.
Ha quanto, quanto desejo
Assentar-me à sua sombra,
Ha quanto já que o seu fruto
É doce à minha garganta.

(Os dois amantes reunem-se)

A SULAMITA

Já me fez entrar na adega
Onde recolhe o seu vinho.
É o amor a alta bandeira
Que desfralda sobre mim.

(*Ao* CÔRO)

Confortai-me com uvadas,
Trazei-me pomos que alentem,
Que estou morrendo de amor...

(Cai desfalecida nos braços do namorado e diz a meia voz):

Vai a mão esquerda pôr
A sustentar-me a cabeça,
Com a sua mão direita
Já abraçada me tem.

O ZAGAL, *ao* CÔRO

Eu a todas vos conjuro,
Filhas de Jerusalem,

Pelas gazelas e as corças,
Dos campos, não acordá-la,
Não despertar o meu bem,
Deixá-la dormir, deixá-la!

ACTO II

SCENA I

A SULAMITA, *sósinha, e como em sonho*

Esta é a voz do meu amado!
Olhai, como vem saltando
Os montes, atravessando
Os outeiros, semelhante
À cabra montês, à cria
Da cerva. Olhai como está
Detraz da nossa parede,
Pelas grades das janelas
A espreitar, e à gelosía.
E eis que me diz: «Levanta-te!
Apressa-te, ó pomba minha!
Ó formosa minha, e vem!

Porque já passou o inverno,
E já se foram as chuvas.
Já lá na terra as boninas
Alegram o campo inteiro.
Já se anda a cantar nas mondas.
Foi ouvida a voz da rola
Pelos vales de Sulem.
Da figueira já os gomos
Estão vermelhos, e a vinha
Em flôr, fino cheiro tem.
Levanta-te, amiga minha,
Ó formosa minha, vem!
Minha pomba, que estás dentro
Das aberturas da pedra,
E nas covas da muralha,
Deixa-me vêr o teu rosto,
Faz-me ouvir a tua voz.
Tua voz é um doce môsto,
É tão graciosa a tua face!»

(Canta)

«Colhei-me essas rapozinhas
Que andam à flor pelas vinhas.
Já nossa vinha tem flor.»

Meu amado é para mim
E eu para êle sou...
Meu amor que entre açucenas
Faz seu rebanho pascer...
E quando o calor abrande
E já se inclinem as sombras,
Tornai, amor, semelhante
À cabra montês, e ao zêvro
Pelos cêrros de Beter.

SCENA II

A SULAMITA

Durante a noite, em meu leito,
Busquei o que ama a minha alma,
Busquei-o, e não o encontrei...
Disse: «Levantar-me-hei
E darei volta à cidade,
Pelas ruas, pelas praças
Meu amado buscarei.»
Aí o tenho buscado,
Ainda o não encontrei.

As sentinelas que rondam
A cidade, perguntei:
«Porventura tendes visto
O amado da minha alma?»
Um pouco adeante delas
O meu amado encontrei.
Prendo-o, seguro ficou.
Dêle aferro té à casa
Da minha mãe, té à câmara
Daquela que me gerou.

(Os dois namorados encontram-se; a zagala desmaia nos braços do seu namorado)

O ZAGAL, *ao* CÔRO

Eu a todas vos conjuro,
Filhas de Jerusalem,
Pelas gazelas e as corças
Dos campos, não acordá-la!
Não despertar o meu bem,
Deixá-la dormir, deixá-la!

ACTO III

SCENA I

(A scena passa-se nas ruas de Jerusalem)

CÔRO DE HOMENS, *composto de moradores de Jerusalem*

(O cortejo de SALOMÃO *começa a aparecer a distância)*

Que é isto que do deserto
Sobe, coluna de fumo,
A vaporar o perfume
Da mirra, o aroma do incenso,
E dos bâlsamos mais raros?

(O cortejo desfila)

PRIMEIRO MORADOR DE JERUSALEM

Ei-lo vem o palanquim
De Salomão, rodeado
De sessenta dos mais bravos
Entre os bravos de Israel,

Armados todos de gládios
E exercitados na guerra.
Trazem a espada cingida
Contra os terrores da noite.

SEGUNDO MORADOR DE JERUSALEM

El-Rei fez sua liteira
Da mais preciosa madeira
Do Líbano. E são argênteas
As colunas. De oiro fino
O espaldar. E é de púrpura
O assento. E ao meio vem
Brilhando a bela entre as belas
Filhas de Jerusalem.

O CÔRO DOS HOMENS

(Dirigindo-se às mulheres da cidade, que é suposto estarem ocultas em suas moradas)

Saí, filhas de Sião,
E vêde a El-Rei Salomão
Como vai diademado
Com a coroa que lhe deu

Sua mãe, naquele dia
Dos esponsais, da alegria
De todo o seu coração.

SCENA II

(A scena passa-se no harem)

SALOMÃO

Que linda és, minha amiga,
Que formosa és! Teus olhos
São como os olhos das pombas
Sob as pregas do teu veu.
Teus cabelos um rebanho
De cabras, que vem descendo
O pendor do Galaad.
Teus dentes são um rebanho
De ovelhinhas tosquiadas
Que vão tornando do banho,
E levando cada uma
Seus dois cordeirinhos gémeos,
E sem que haja nenhuma
Que seja entre elas maninha.

Teus lábios são uma fita
De escarlata, e a tua bôca
É doce, e que doce a fala.
O nácar das tuas faces
É como romãs abertas
Por entre as pregas do veu.
Teu pescoço é como a torre
De David, edificada
Para arsenal, lá suspensos
Mil pavezes, muitas sortes
De armas que cingem os fortes.
Teus seios, casal de gémeos
Da gazela, apascentados
Em meio das açucenas.
Quando refrescar o dia
E já se inclinem as sombras,
Irei ao monte da mirra
E ao outeiro do incenso.

SCENA III

(O entardecer)

SALOMÃO

Toda tu és bela, amiga,
E não há mácula em ti.

O ZAGAL

(Que é suposto estar a par da torre do serralho)

Noiva minha, vem do Líbano!
Vem dêsse Líbano, vem,
Olha para mim de lá,
Do cume dêsse Amaná,
Do alto do Sanir e Hermon,
Da caverna dos leões,
E dos cêrros dos leopardos.

(A SULAMITA *lança-lhe um olhar, assegurando-lhe a sua fidelidade)*

Feriste-me o coração,
Ó minha irmã, noiva minha,

Feriste-me o coração
Com um dos teus olhos, com
Um anel do teu cabelo
Que se te enrola à garganta!
Ó minha irmã, noiva minha,
Como o teu amor encanta!
É tão doce o teu carinho,
E bem melhor do que o vinho.
De ti o aroma, a fragrância,
Val mais que todos os nardos.
Os teus lábios são um favo
Que distila fino mel.
O mel e o leite se escondem
Debaixo da tua língua.
O aroma dos teus vestidos
É como o aroma do Líbano.
Jardim murado tu és,
Ó minha irmã, noiva minha!
És a nascente fechada,
Tu és a fonte selada,
Um vergel em que a romã
Se junta aos pomos melhores,
A alfena aos nardos, o nardo,
O açafrão, o cinamomo,
A toda a sorte de lenhos

Dos aromas; mirra e águila
Às plantas mais rescendentes;
Uma fonte num jardim;
A levada de água viva
Que do Líbano deriva,
E se despenha num ímpeto!
Erguei-vos, vento aguião;
Vinde, vinde, ventos súis,
E soprai no meu jardim,
Que se espalhe o seu aroma.

A SULAMITA

Amor, entre em seu jardim,
E de suas maçãs coma.

(Dá-lhe um beijo)

O ZAGAL

Já entrei no meu jardim,
Ó minha irmã, noiva minha.
A minha mirra seguei.
Os meus bâlsamos provei;
Comi meu favo de mel;
Bebi meu vinho e meu leite.

(*Ao* CÔRO)

Ó companheiros, comei;
Bebei a vosso deleite.

ACTO IV

SCENA ÚNICA

A SULAMITA, *sòsinha*

Durmo, e meu coração vela...
É a voz do meu amado,
Que bate, dizendo: «Abri,
Irmã minha, amiga minha,
Pomba, imaculada minha;
Abri, que a minha cabeça
Está cheia de orvalhada;
Meus cabelos anelados
Estão da noite molhados».
— «Já despi a minha túnica;
Outra vez como a porei?
E já lavei os meus pés;
Ora como os sujarei?»

Meu amor por uma fresta
Já meteu a sua mão,
E meu seio estremeceu.
Levantei-me, e fui abrir
A meu amor; e então mirra
Da minha mão escorreu;
Também de mirra estão cheios
Meus dedos, da que molhava
O punho da minha aldrava.
Pois abri o meu postigo
E fugira o meu amigo.
Já meu amor lá não estava,
Já tinha dobrado a rua.
Assim que falou, minha alma
Ficou toda, toda sua.
Saio e vou-me dêle à busca.
Meu amor não no encontrei.
Chamo-o, e não me responde.
Aos guardas que fazem ronda
À cidade, perguntei
Se o haviam encontrado.
Feriram-me e golpearam-me,
E ainda os guardas do adarve
O meu manto me tiraram.

(Ao CÔRO *das mulheres)*

Eu a todas vos conjuro,
Filhas de Jerusalem,
Que se achardes meu amado,
Se aí meu amado fôr,
Lhe digais que estou enferma;
Por êle enferma de amor.

O CÔRO DAS MULHERES

Que assinala o vosso amado,
Ó mais bela entre as mulheres,
Que assinala o vosso amado,
Para assim dêle cuidardes,
E nos terdes conjurado?

A SULAMITA

Meu amor, alvo e còrado,
Logo se vê entre mil.
É oiro fino a cabeça.
Seus anelados cabelos
São flexíveis como as palmas,
Pretos como azas do corvo.

Seus olhos são como pombas
Sôbre as ribeiras das águas,
Como pombas que se banham
Poisadas mesmo na borda
Dos tarros cheios de leite.
As faces são uns canteiros
Das raras plantas dos cheiros.
Os lábios são açucenas
Que distilam fina mirra.
Das suas mãos, que direi?
São aneis de oiro esmaltados
Da pedraria de Társis.
O seu ventre é um marfim
De safiras cravejado;
As pernas, como colunas
De alvo mármore, e assentadas
Sôbre bases todas de oiro;
É seu semblante o do Líbano
E formoso como os cedros.
Que suavíssima a garganta!
Como todo êle encanta!
Tal é o meu bem amado,
É assim o meu amigo,
Filhas de Jerusalem!

O CÔRO

Onde se foi teu amigo,
Ó mais bela entre as mulheres,
Para onde partiu êle
Que o buscaremos contigo?

(Os dois namorados encontram-se)

A SULAMITA

Meu amado já desceu
Ao meio do seu jardim.
Já se dirige ao canteiro
Das finas plantas de cheiro
A apascentar o seu gado
E colher as açucenas.
Eu sou para meu amado,
Meu amado é para mim.
É êle que se apascenta
De açucenas no jardim.

ACTO V

(A scena passa-se no harem)

SCENA I

SALOMÃO *acarinhando a* SULAMITA, *que só lhe responde com olhares altivos*

Tu és bela, amiga minha,
Como Tersa, e encantadora,
Sim, como Jerusalem.
Mas terrível como a hoste
Posta em campo de batalha.
Aparta, aparta êsses olhos
Que me fazem perturbar.
Teu cabelo é um rebanho
De cabras aparecendo
Sobre o monte Galaad.
Teus dentes são um rebanho
De ovelhas, quando já sáem
De se lavar, cada uma
Com sua dobrada cria,
Sem ser maneira nenhuma;
Tuas faces são da côr
Das romãs, sob o teu veu.

O ZAGAL, *de fora do harem*

Sessenta raínhas tem,
E oitenta concubinas,
As donzelinhas inúmeras,
El-Rei Salomão no harem.
Mas é minha pomba a única,
Pomba, imaculada minha;
É de sua mãe a única,
A preferida daquela
Que a gerou. Olhai vós quem
As donzelas proclamaram
Dona bem-aventurada.
Raínhas e concubinas
Já a viram e a louvaram.

SCENA II

O CÔRO

Quem é esta cujo olhar
É o romper da madrugada,
Bela como a lua, e pura
Como o sol, mas mais terrível
Do que a hoste na batalha?

A SULAMITA, *àparte, e voltando as costas às damas do harem*

Fui à horta das nogueiras
A vêr a relva dos vales,
E olhar se estavam em flor
A vinha e mai-las romeiras.
Ai de mim, que vos direi?
Imprudente, o meu capricho
Me lançou entre as quadrigas
Da comitiva de um rei.

ÀS DAMAS DO HAREM

Torna, torna, ó Sulamita,
Para bem te vermos, sim?

UMA BAILADEIRA DO HAREM

Quem pode olhá-la deante
De bailos de Maanaím?

(Baila)

SALOMÃO, *à bailadeira*

Que airosos não são teus pés,
Filha de rei, nas sandálias!
As juntas das tuas côxas
Têm a curva dum colar
Por mão de mestre lavrado.
O umbigo é taça redonda,
Sempre cheia a trasbordar
Dum vinho aromatisado.
Teu ventre um monte de trigo,
De açucenas rodeado.
Teus seios, casal de crias
Gemeasinhas da gazela.
A tua garganta imita
Uma torre de marfim.
Teus olhos quais de Hesebão
As piscinas, situadas
Cerca da porta que chamam
A *Filha da multidão;*
Teu nariz é recto e altivo,
É como a torre do Líbano
Que sôbre Damasco vela.
É como o monte Carmelo

Tua cabeça, e o cabelo
É como fios retintos
Duma púrpura real.
Já nêles um rei se enleia.
Como és formosa e graciosa
À hora, amor, das delícias!
O teu porte se assemelha
Ao da palmeira, e teus seios
São como cachos de tâmaras.
Eu subirei à palmeira,
E colherei os seus ramos.
E que sejam para mim
Teus seios cachos da vinha;
Álito da tua bôca
O cheiro a maçãs; tua bôca
Um vinho delicioso,
Que doce escorra nos lábios
Do amante sequioso.

A SULAMITA

(Persistindo no seu alheamento)

Eu sou para o meu amado,
Sou dêle todo o cuidado.

SCENA III

A SULAMITA, *correndo para o seu namorado*

Vinde, amado meu, saiamos
Ao campo. Lá dormiremos
Em nossa aldeia. Corramos!
Havemos de erguer-nos cedo
Para correr o vinhedo
A vêr se a vide tem flôr,
Se já se entreabrem os gomos,
E estão em flôr as romãs.
Carinhos lá te darei.
A mandrágora já deu
De si todo o seu perfume.
À nossa porta já rola
O que há de melhor em pomos.
Novos e antigos guardei
Para ti, amado meu.
Quem me fizera ditosa
De te haver por meu irmão!
Porque não andaste aos peitos
Como eu de minha mãe,
Para poder sem vergonha

Quando te encontro beijar-te
De todo o meu coração,
Sem de mim se rir ninguem!
Anda, vou-te entrada dar
Na casa da minha mãe.
E tu lá me hás de ensinar.
E eu te darei a beber,
Nas tardes e nas manhãs,
Um vinho aromatisado,
Mosto das minhas romãs.

(Desfalece, e diz a meia voz):

Sua mão esquerda poz
A segurar-me a cabeça.
E com sua mão direita
Êle me abraça depois.

O ZAGAL, *ao* CÔRO

Eu a todas vos conjuro,
Filhas de Jerusalem,
Do sonho, não acordá-la,
Não despertar o meu bem!
Deixá-la dormir, deixá-la.

SCENA IV

(É suposto ir a efectuar-se a jornada de Jerusalem para a aldeia)

O CÔRO

(Á vista da SULAMITA, *que o namorado traz adormecida)*

Quem será esta que sobe
Dos desertos, e firmada
Nos braços do seu amado?

(É suposto chegarem os namorados à aldeia)

O ZAGAL

(Depõe a sua namorada à sombra da macieira da casa materna e acorda-a)

Eu te despertei à sombra
Da macieira, e te depuz
À porta de tua mãe,
Onde em dor te deu à luz.

A SULAMITA

Põe-me no teu coração
Como um firmal, no teu braço
Como um anel; porque é forte
O amor, forte como a morte,
E inflexível a paixão
Como o inferno. Outros não há
Brandões mais de chamas, dardos
Do fogo de Jeová.

O SÁBIO

(Aparecendo para tirar a moralidade do poema)

As muitas águas não podem
Extinguir o amor; nem todos
Os rios o afogarão.
Se um homem comprar quizera
A troco dos seus haveres
O amor do coração,
É como se nada dera,
Só recolhe confusão.

EPÍLOGO

(A scena passa-se em Sulem, num pavilhão ao fundo dum vergel)

UM DOS IRMÃOS DA SULAMITA

(Ignoram o seu rapto e o seu regresso)

À nossa irmã inda os peitos
Não lhe estão a levantar.
Que lhe faremos um dia
Em que a venham procurar?

UM OUTRO IRMÃO

(Dando como o outro a perceber a intenção de a venderem para um harem)

Se um muro fôr fabricamos
Sôbre êle ameias de prata.
Se fôr porta guarnecêmo-la
Com almofadas de cedro.

A SULAMITA, *intervindo bruscamente*

Fui um muro, e já meus peitos
Foram torres. E por isso
El-Rei me deixou em paz.
Salomão tinha uma vinha
Em Baal-Hamon. A caseiros
Deu-a de renda, cada um
De renda mil siclos dava.
Ei-la em frente a minha vinha!
São mil siclos para ti,
Salomão, duzentos siclos
Para os caseiros da vinha.

O ZAGAL

(Junto do pavilhão, esperando com os seus paraninfos)

Bela, que no jardim moras,
Já aqui estão os meus amigos,
Já escutam reunidos.
Faze ouvir a tua voz.

A SULAMITA

Foge, amor meu, parecendo
A cabra montês das combas
Ou os veadinhos correndo
Sôbre os cerros dos aromas.

Lisboa, férias do Natal de 1919.

A ÁRVORE TRISTE

MATINAE ET LAUDES

(MOSTEIRO DE SANTA MÓNICA DE GOA)

MATINAS! Retine na noite a matinas
A campa argentina da claustra das Freiras.
Dos «belos Gracianos» as campas fronteiras
Repicam, retinem, sutis e argentinas.

De manso, de manso se entreabrem as celas...
Na fúlvida sombra da claustra doirada
As lâmpadas áureas das quatro capelas
Animam de imagens dos Anjos a arcada.

Que noite, que lume de aromas e ardores!
No «Vale dos Lírios» a fonte suspira,
Suspira e desmaia na ardência das flores,
No diáfano lustre de obscura safira...

Matinas! Repicam, sutis e argentinas,
Na noite e nas ruínas as campas fronteiras.
Matinas! A campa da Claustra das Freiras
Rachada ainda tine de tantas matinas.

Lahane, Julho de 1911.

LAUNIM

MOGÁ, *ió! Mogá, ió!* Vem, Amor,
Tum ió! Amor, ó meu amor, vem!
Não há uma flor como o teu riso em flor
Em Dude Sagor ou em Arvalem.

Mujam sonsum nuzó, mogã martá uzó!
No arecal, ouve! é triste o *muruôni!*
Tarda vêr, minha chuva de *Mógó,*
O escarlate setim do teu *chôli.*

Perlas no rosto e no teu colo nu,
Vem risonha, verde-oiro o pitambor.
Não há Dêvi mais linda do que tu
Em Arvalem, nem em Dude Sagor.

Caranzalem, palmar D. João (Índia).

CANÇÃO PARSANA

linda Dine Bai, que está doente, a Dine Bai!

Que fino, doce e longo o seu cabelo, Dine Bai,
Tão longo, tão castanho!
Da *mathabana* sob o linho alvo, Dine Bai,
Guarda o frescor do banho.

E é aromático a *attar* de rosas pérsias, Dine Bai,
A um precioso *attar*.
É do pálido azul dos céus de chuva, Dine Bai,
A luz do seu olhar.

Mas já a febre descora o róseo hibiscus, Dine Bai,
Dos seus lábios de amor.
Da Torre do Silêncio vêm abutres, Dine Bai,
Crocitam em redór...

A pobre Dine Bai, que vai morrer, a Dine Bai!

Damão, Índia.

PUNDARI

(Sôbre o texto de Lafcadio Hearn)

Ao Dr. Azevedo Neves, mestre da Vida e da Morte

É uma história de Buda, Êsse que o mundo
Encheu de luz, e cujas plantas eram
As faces de dois sois resplandecentes,
Pois que trilhava os Caminhos Perfeitos.
... Naquêle tempo, Buda residia
Sôbre o cume do monte Gridracuta,
A cavaleiro da cidade antiga
Já desaparecida de Rajágria,
Gloriosa visão de ruas cândidas,
De marmóreas arcadas, lácteos paços
De lavor tão formoso que diriam

Mais leves do que urdumes de Cachmira
Mais delicados que o sincélo na alva!
Lá retroava o bramir dos elefantes;
Flores de mil vergeis ali exalavam
Os seus incensos para os céus; os ares
De volutuosas músicas vibravam,
E mulheres mais lindas do que flores,
Os tornozelos axorcados de oiro
Ao soar moviam de harpas e de flautas...
Mas lá no alto a cumeada da montanha
Era mais deslumbrante do que o dia,
E ardia toda em rósea claridade
Que a presença do Buda revelava.

Ora uma bailadeira então morava
Nessa cidade, e bela era entre todas
As mulheres, e em graça não havia
Nenhuma que lhe fosse comparável.
E já andava cançada de bailados,
De pedras preciosas e de flores,
—Tão cançada dos seus *chôlis* de sedas
Carmezins e doiradas, das roupagens
Leves como o ar e como a bruma diáfanas,

—Cançada estava já tambem de Príncipes
Que em palanquins, no dorso de elefantes,
Iam levar-lhe mil presentes, joias,
Aromas, vasos das mais raras formas,
E lavrados em terras tão distantes
Que a chegar lá dez anos não bastavam.
Seu coração lhe segredou que fôsse
À presença do Buda, assim podendo
Achar recato e repoiso, e tornar-se
Como uma Bicunim.
E adeus dizendo
À radiosa cidade, ei-la subindo
Os íngremes carreiros da montanha,
Olhos fitos na imensa claridade
Que lá no alto, rósea, resplendia.
Era ardente o calor do sol, precípites
E ásperos os trilhos, e venciam-na
A fadiga e as sêdes dos desertos.
Quando alcançava o meio da montanha
Parou a descançar, matar a sêde
Em fontaínha clara que brilhava
Como um diamante, e que preciosa copa
No coração duma penha escavara.
Mas como a bailadeira se inclínava
Para beber na fonte, reflectidos

Vê no espelho das águas argentino
A gloria viva das suas tranças pretas,
O aveludado dos tão grandes olhos
Refranjados de sêda, tais os lódãos,
A rósea flor da sua bôca, doce
Como o mel novo, o fino tom tão raro
Da tez doirada como o sol levante,
O flexível, polido da cintura,
A esveltez dos seus membros, mais redondos
Que a tromba do elefante, a graça ágil
Dos tornozelos manilhados de oiro.
E uma névoa de lágrimas lhe entreva
Os olhos:
—Vou então esta beleza
Esperdiçar assim? — ela murmura.
Vou mascarar formosura tamanha,
Que ainda a rajás e maharajás deslumbra
Na rudeza de uns panos de reclusa?
Esta graça e esta minha mocidade
A fenecerem na soidão vou vê-los
Como sonhos nos longes do passado?
Porque tão linda fui então gerada?
Não! Que tudo abandonem por seguirem
Pelos Cinco Caminhos as que nunca
Tiveram graça e flor de juventude!

Volta a vista a Rajágria de alvos brilhos,
Donde subiam hálitos de flores,
A melodia harmoniosa das frautas,
E o lascivo rir das bailadeiras...
Mas lá no alto, no céu róseo, Buda,
O Omnisciente, bem na alma a fita,
E lamentando-a por fraqueza tanta,
Só com pronunciar uma palavra
Eis que numa donzela se transforma,
Muito mais linda e muito mais graciosa
Que a propria Pundari, a bailadeira...
E Pundari, já descendo a montanha,
Vê surprêsa, de súbito, a seu lado,
A mais encantadora companheira.
E perguntou-lhe:
— Ó tu, de entre as mulheres
A mais deliciosa, donde és vinda?
Quem podem ser o pai e a mãe ditosos
Duma tão delicada criatura?

E a formosa estrangeira lhe responde
Em tom mais doce que o das frautas de oiro:
— À alva Rajágria tambem volto, amiga;
Juntas andemos, e uma à outra o ânimo

Nos daremos no áspero caminho.
E Pundari responde:
—Certamente!
Ó de entre as virgens a mais adorável!
A tua formosura atrai-me como
A flor atrai a abelha, e a tua alma
Deve decerto ser tão preciosa
Como é êsse teu rosto incomparável!
Continuaram a andar; mas a vindiça
Cançou-se de repente. Então sentando-se
Pundari fêz dos joelhos almofada
Em que descança a linda cabecinha
Da sua companheira, e beija-a, beija-a,
Até a ver de todo adormecida.
Depois acarinhou a setinosa
Magnificência dos cabelos dela,
O rosto de oiro já entorpecido
Do sono, e sente de ternura imensa
Repleno o coração pela estrangeira.
Mas enquanto enlevada a contemplava,
O rosto que descança em seus joelhos
Mudou, tal como o fruto redoirado
Que já perde o frescor, e todo arruga.
Sêcas, murchadas as torneadas faces;
Estranhamente os olhos se lhe encovam;

São já cãs, côr da cinza dos altares,
Os cabelos esplendidos; os lábios
Ressequidos e frouxos se tornaram.
E aquela bôca que era dantes rósea
Já se entreabre sem dentes; e já avultam
Os ossos do seu rosto, aparecendo
Os contôrnos e esgares da caveira.
O olôr da juventude evaporou-se,
Vêm os cheiros da morte intoleráveis,
E com êles hediondas, rastejantes
Criaturas que a morte ceva e nutre,
E essas lívidas máculas que deixam
Os seus dedos fantasmas!
Foge, foge,
Espavorida, Pundari, e em lágrimas
À presença de Buda corre, e conta
Todo o horror do que vira!
Então consola-a
O Honrado do Universo, e diz-lhe:
—A vida,
Ó Pundari, é apenas como o fruto;
Apenas como a flor a formosura!
Para que serve o mais gentil dos corpos
Quando apodrece lentamente à beira
Da torrente do Ganges? À velhice,

Como à morte, nenhum de nós escapa.
Contudo mais atrozes do que êsses
Outros estados há: — são essas novas
Incarnações, que para esta vida
São como o éco para a voz, reboando
No fundo da caverna, como as grandes
Pégadas para o passo do elefante.

— A mágua nasce do desejo; e é êste
Que gera o mal. O que é o proprio corpo,
Senão da alma criação apenas,
Dessa insensata sêde que na alma
Há de prazer... Como as sombras dos sonhos
Se esvaiem logo que o dormente acorda,
Assim a dor e o mal hão de sumir-se
Do coração daquêle que o desejo
Conseguir subjugar, e matar poude
A sêde dos sentidos, e até mesmo
O corpo se dissipa do que trilha
Pelos Cinco Caminhos, em sua dita.

— Ó Pundari, mais forte queimadura
Que a do desejo, não há, não; nem gozo

Ao de destruir o corpo é comparável!
Êsse que consumida a mocidade
Viu no ardor das paixões malsãs, é como
A alva cegonha solitária à beira
Da lagôa já sêca, onde floriam
Dantes os gólfãos, e seguramente
A quando a grande mutação já venha
Renascerá para a loucura e as lágrimas!
Êsses que encontraram a alegria
Na solidão dos êrmos, aonde outros
Só horror viram; êsses que extinguido
Hajam em si todo o desejo; êsses
Que se tornaram sem paixão à força
De meditarem sôbre a vida e a morte,
—Êsses só a ventura emfim alcançam,
E pondo estôrvo a uma nova existência,
Na Santidade do Nírvâna ingressam...

Corta então Pundari, a bailadeira,
Os cabelos, arroja de si joias
E donaires, tudo ela emfim já deixa,
Para trilhar pelos Cinco Caminhos.
E jubilando, os Devas, deslumbrantes
Tornaram as montanhas que rodeavam

A alva Rajágria, e todo o ar encheram
Duma chuva a florir de flores estranhas.

E quem saber quizer mais sôbre o Buda,
Vá êsse livro ler, maravilhoso,
De Fa-Kheu-King, o Livro «Dhammapada».

Lisboa, Março 1, 1920.

BACAWALI

(Sôbre o texto de Lafcadio Hearn)

A M.me J. C. de Albuquerque Melo Matos

EM língua hindu maravilhosa história
Existe escrita por um muçulmano.
Trata contudo dos antigos Deuses
Do Hindustão, de Apsarás e de Rácxassas.
"Rosa de Bacamáli" é chamada.
Lá vêm estranhas tradições de fontes
De magia nas águas, e que mudam
O sexo aos que nelas vão banhar-se;
Lendas de flores que um bruxedo cria,
Que nunca murcham, e que a vista aos cegos
Dão só co'o seu perfume. E sobretudo
Esta história que reza dum humano
E sobrumano amor, inegualável...

* * *

... Záin Ulmuluk, o Grão Rajá, reinava
Naquele tempo em Reinos do oriente
Da Índia, e foi então que enamorada
Uma Apsará, Bacawali, ficára
Dum formoso mortal adolescente.
O proprio filho do Rajá êle era.
Era tão belo como uma donzela,
Tão belo como o Deus Kamá. Dir-se-ia
Que para o Amor gerado apenas fôra.
Ora nesse país tudo o que vive
À beleza é sensível, mesmo as plantas,
Uma das quais, a Açoca, desabrocha
Em odorante flor, só com tocar-lhe
O pé dalguma rapariga linda.

Bacawali contudo era mais bela
Que a mais formosa criatura humana,
Porque dos Deuses era uma das filhas.
E aqueles que encontrando-a a imaginavam
Filha duma mortal, todos diziam

Se alguem sôbre ela vinha interrogá-los:
«—Ah! não a nós, ao bulbul pedi antes
Que em gorgeios lhe louve a formosura!»

Taj Ulmuluk não adivinhára
Que ela não era da sua raça humana.
Encontrára-a um dia por acaso,
E logo unidos ambos dois ficaram,
Secretamente, ao rito dos Gandarvas.
Mas sabia que enormes e sombrios
Sôbrenaturalmente eram seus olhos,
E que o suave olor dos seus cabelos
Era como um almíscar da Tartaria,
E que ao mover-se como que emanava
Do seu ser tal aroma e claridade,
Que sem fala ficava ao contemplá-la,
Quedo como pintura na parede.
Chama de amor que lhe consome o tino,
Como o luzeiro à borboleta de oiro,
Da Apsará na alma se acendia.
Olvida os seus, mesmo seu ser divino,
Mesmo a Côrte dos Céus onde vivia.

* * *

Sagrados Livros dos Hindus inúmeras
Narrativas contêm sôbre a cidade
De Armanagar eterna, onde só moram
Os imortais. É lá que habita Indra,
Indra de barbas de safira, em meio
De infatigável gozo, rodeado
De bailadeiras celestiais, que em torno
Dele circulam, como das estrelas
Os chamejantes signos, transgirando
Em volta a Súria, o Sol, em suas danças
Áureas. É esta a mansão que abandona
Bacawali só por amor dum homem.

Ora uma noite, noite perfumada
E febril de prazer, no leito, Indra
Se soergue de repente, como quando
À mente vem mais viva a relembrança
Duma coisa esquecida há muito. E clama
Àqueles que o cercavam: — «Dizei como,
Como é que a filha de Firoz, a linda

Bacawali, há muito já que falta
Em nossa Côrte? » Um assistente fala:
— Ó Indra poderoso! o lindo peixe
Do amor dum mortal na rêde é preso.
Semelhante ao bulbul, toda é queixumes
De não lhe ser possível mais ainda
Amar êsse que a trás tão namorada.
Apaixonada está da morredoira
Mocidade e beleza de quem ama.
Só para êle e nêle vive. Agora
Nós seus parentes somos esquecidos,
Ou de sua aversão motivo apenas.
Senhor dos Devas e dos Suras, dêsse
É culpa de em tua côrte já não vêres
Tua linda Apsará da côr das rosas. —
Entrou então em cólera violenta
Indra, e manda que súbito lhe tragam
Bacawali, a quem ordena diga
Como a treslouca êsse mortal desvairo.
Acordaram-na os Devas, e a levaram
Em seu carro de nuvens, rósea e linda,
Dos beijos dum mortal os lábios húmidos,
O colo airoso reflorido ainda
De amorosos sinais que lhe imprimiam
Lábios humanos. Ajoelha ante Indra

A apaixonada Apsará, seus dedos
Juntos, em prece, enquanto a contemplava
Em silenciosa ira, o sobrecenho
Carregado, o Senhor do Firmamento,
Tal como ao ir à guerra, quando monta
O elefante seu de tromba tríplice.
E assim clamou aos Devas que o cercavam:
«— Purificada seja pelo fogo,
Que dela emana de mortalidade
Flavor que ofende os imortais sentidos.
E cada vez que a seu desvairo torne,
Consumida ante mim nas chamas seja!...»
E assim das Apsarás a mais formosa
Enleada era, e emfim precipitada
Numa fornalha ardente como as chamas
Do sol, seu lindo corpo reduzido
Apenas a um punhado de alvas cinzas.
Mas assim que sôbre elas esparzidas
Eram as gotas duma água mágica,
Bacawali surgia da fornalha
Nua, como a nascer, e mais perfeita
Que antanho, na sua rósea formosura.
E Indra ordenou-lhe que ante si bailasse
Como o fazia outrora. E bailou todas
As danças conhecidas na celeste

Côrte; curvou-se como as flores quando
Perpassa a brisa perfumada, como
A levada serpeando ao sol levante;
Girou ligeira como a folha solta
À aragem, leve como a abelha, e tendo
Infindas variações de graça, e novos
E incessantes e airosos movimentos.
E os corações divinos contemplando-a
Eram calcados por seus pés brilhantes,
E conclamavam todos num só côro:
—«Lódão! Flor animada! Ó Rosa-Viva!
Ó maravilha dos Vergeis da Graça!
Lódão! Flor Singular! Ó Rosa-Viva!»

* * *

A ir forçada foi em cada noite
A Armanagar, ante Indra, não querendo
Renunciar a seu fatal desvairo.
Teve ela de sofrer em cada noite
A purificação feroz do fogo.
Mas logo vinha enamorada unir-se
A seu humano amante inda dormente,
E o logar a seu lado retomava,

Após se haver banhado na fremente
Fonte de jaspe, que perenemente
Água de rosas num frescor jorrava.
Taj Ulmuluk em uma noite acorda,
Estende os braços, e não sente ao lado
Bacawali; só rescendendo o aroma
Dos seus cabelos sôbre o travesseiro,
Os odorantes veus ainda espalhados
Pelos divans na mais louçã desordem.
Quando voltou mais linda do que nunca
Não fez o Príncipe o menor reparo.
Mas no dia seguinte, já morrendo
O crepúsculo breve, em um dos dedos
Um golpe dá com seu punhal buído,
E enche-o de sal para ficar de vela!
Depois pairando rés o carro aéreo,
Silencioso como longa nuvem
Prateada de luar, ergue-se e segue
Bacawali, sem que ela o presentira.
Sob o mágico carro se suspende,
E arrebatado é p'ra além dos ventos,
Até Armanagar, e nos Celestes
Paços já entra, todos rebrilhantes
De pedras preciosas, e à presença
De Indra. Mas êste não o vê, confusos

Seus sentidos estão de olhar belezas,
E turvos já da ebriedade do «Sôma».
Taj Ulmuluk, então, de pé, na sombra
De alto pilar, contempla formosuras
Que jamais vira, excepto em sua amada.
Ouviu entoar mais suaves melodias
Que músico mortal jamais sonhara.
Deslumbravam seus olhos esplendores.
E o entrecruzar de rútilas arcadas
Scintilantes de jóias, parecia
A confusão de inúmeros arco-iris.
Mas quando teve de assistir à horrível
Purgação pelas chamas da que amava,
O coração gelou-se-lhe no peito,
Lançou um grito lancinante e iria
Arrojar-se do fogo na torrente
Se as mágicas palavras proferidas
Logo não fossem, e arrojada às cinzas
Brancas de neve da Apsará divina,
A enfeitiçada água, antes de feito
Por êle o mais ligeiro movimento.
E viu então Bacawali erguendo-se
Brilhante como uma imagem da Deusa
Lacxmi, na mais bela das mil belas
Suas incarnações, e mais radiosa

Que antes, e a similhar a estrela errante
Que do amplexo do sol já torna, e tendo
Em suas formas mais radiantes curvas,
Mais glórias no fulgor dos seus cabelos...
Bailou Bacawali. Prestes se afasta;
Foge com ela sem ser visto o Principe,
Da mesma forma como tinha vindo.
Ao romper de alva lhe disse êle o modo
Como a seguira em seu vôo nos ares,
E seu segrêdo havia surpreendido.
Bacawali, em lágrimas, soluça,
E treme de terror: — « Ai que fizeste!
— Suspira, — que tu hoje te has tornado
Teu pior inimigo! Nunca, nunca
Saberás bem o que hei por ti sofrido:
A maldição dos meus, todo o desprêso
E todo o opróbrio dos da minha casta.
Antes que dêste amor ter de apartar-me
As agonias quiz sofrer do fogo.
Sofri mil mortes para não perder-te.
Tu bem no viste. Mas impunemente
Jamais visita a morada dos Deuses
Nenhum mortal não sendo convidado.
Ai de mim! Hoje todo o mal é feito,
E não sei encontrar um outro meio

De ao perigo furtar-te que te ameaça
Que a Armanagar comigo, ainda esta noite,
Em segrêdo levar-te, e de tal modo
Encantar Indra, que meu Deus não possa
Do que lhe eu rogue nada recusar-me.

* * *

Assim Bacawali sofrera ainda
Toda a agonia, uma vez mais, do fogo.
E ante os Deuses bailou de tal maneira
Que os olhares de todos se turvaram,
Deslumbrados seguindo a variedade
Das curvas que seu corpo descrevia,
A rapidez de sonho e de vertigem
Dos claros pés, a luz maravilhosa
Do seu cabelo scintilante esparso.
Enfeitiçava a língua dos presentes
Todo o encanto da sua formosura.
— « Lódão! Flor animada! ó Rosa-viva! »
E o vozear dos Deuses extinguia-se
Num inefável, dúlcido murmúrio...
Já os tangedores tem bôtos os dedos.
Langue e trémula a música atenua-se,

Num volutuoso êxtase morrendo.
Rompe o trovão suave da voz de Indra
O profundo silêncio que caíra:
— «Tudo, Bacawali, que tu desejas
Pede-o que t'o concedo! Assim t'o juro
Pela Trimúrti!...»
Ela ajoelhada,
Da dança o seio ainda palpitando,
Murmura: — Eu t'o suplico, ó Ser Divino!
Consente que daqui ora me aparte,
E viver possa co'o mortal que amo
Nos breves anos que terá de vida!
E seu Principe moço ela contempla.
Esta súplica então ouvindo, encara
Indra a Taj Ulmuluk. E seu semblante
Tão sombrio se pôs, que a escuridade
Envolve todos os Celestes Paços.
E diz: — «E tu também, filho do homem,
Igual prece quiséras dirigir-me?
Não creias, não, que uma Apsará leváras
Como Bacawali por tua esposa,
Sem que a desgraça sôbre ti não caia!
E quanto a ti, Bacawali, sem pejo
Que tu és, por certo daqui podes ir-te,
Que durante doze anos, tu de mármore

Serás no corpo, uma mulher de pedra.
Que assim te goze teu amante. Parte! »

*
* *

... Bacawali então foi encerrada
No mais profundo dum Pagode em ruína,
Lá em Ceilão, no ínvio das florestas.
Sôbre um trono de mármore assentada
Viu deslisar seus dias lentamente,
Da fronte aos pés ela também tornada
Uma imagem de pedra surpreendente.
Taj Ulmuluk emfim descobre um dia
O recesso da amada, e longos anos
A foi servir, como se fôra a estátua
Duma Deví. Intermináveis anos
Firme a esperou...
As lágeas desconjuntas
Aluidas pela fôrça das raízes,
Tremiam todas ao ressoar o estrépito
Dos elefantes bravos. Muitas vezes
No pórtico ladeado de pilares
Acendiam-se à noite fixamente
As frias esmeraldas chamejantes

Do olhar dos tigres riais. Mas não cansava
Taj Ulmuluk, e nunca tinha medo.
Aguardava ao pé dela, sempre à espera,
Nêsses tão longos e terríveis anos.

Surpresos agarravam-se nos muros
Lagartos de olhos como vivas gemas.
O olhar maravilhoso de crisólitas
Das serpentes espiáva-os. Monstruosas
Aranhas suas rendas argentinas
Iam tecendo pacientemente
Sôbre a cabeça da animada estátua;
E aves de penas como um sol poente,
De enormes bicos como carne viva,
Em seus ninhos chocavam, sob os olhos
Da Apsará Bacawali de pedra.

Ora o undécimo ano emfim chegara.
Mas uma vez o Príncipe afastou-se
À busca de alimento. E de repente
A imensa ruina desabou, deixando

Bacawali inerme e soterrada
Na monstruosa mole, que movida
Não poderia ser de braço de homem...
Chora Taj Ulmuluk então. Mas sempre
A ficou a esperar, serví-la sempre,
Porque sabia que imortais não morrem.

Em breve ao alto do montão de escombros
Uma árvore cresceu maravilhosa,
Esvelta e delicada, toda em formas,
Arredondadas como as das mulheres.
Viu-a admirado o Principe medrando
No esbrazear do estio, e como dava
Mais graciosa flor que a «Parijátaca»,
Que lembra o olhar das bailadeiras novas,
E dava frutos cujos róseos gomos
Eram tão lisos como a pél das virgens.

Assim passou o duodécimo ano.
Mas não findava ainda a extrema lua,
E um dêsses grandes frutos entreabriu-se,

E dele surge, grácil, delicada,
Uma mulher, cujos flexíveis membros
A casca dêsse fruto contivera,
Tal como enclausurada na crisálida
A borboleta se desprende e voa.
Era uma mulher tão linda como
Uma índica alvorada, o olhar profundo
Que de filha da terra nunca fôra,
Porque em verdade uma imortal ela era,
Uma Apsará!...
Bacawali ela era,
Reincarnada para o seu amante,
Da maldição dos Deuses libertada.

Lisboa, carnaval de 1920.

OS ESTRIMOS DE ÂMBAR

«Malaios namorados, Jaus valentes».

LUIZ DE CAMÕES.

CANÇÃO DO MAR MALAIO

Nous irons vers les îles de beauté où les femmes
Sont belles comme des arbres et nues comme des âmes.

REMY DE GOURMONT — *Divertissements.*

A Mr. Antoine Cabaton

A Malaia de Bale
É linda como o amor.
Não há graça que iguale
A sua graça de flor.

Ó coracóra foge
Na luz à flor do mar.
A vida é o sonho de hoje,
Nuvem que vai passar.

Ao lume de água passa
A barca toda ardor.
Belas de Minahassa,
Risonho é o vosso amor.

Quem há como as de Java
Para sorrir e amar?
O coração da lava
Sente como o do mar.

Samarinda, os sagùeiros
Embalam-te a primor.
Sonhos de luz ligeiros
São os do teu amor.

Sentido, em Singapura!
Não há noutro lugar
Olhos de mais ternura
Para enfeitiçar.

As lindas Manilenas
Sabem o que é o amor.
Vògar! Águas serenas
Dão ardência maior.

Pádang, teus altos montes
Tem formosas sem par.
Suspira a voz das fontes
Nas sombras do palmar.

Já a moscada é escarlate
Nos rumos de Tidor.
Ó beijos de Ternate,
Sois perfume e queimor.

A vida é a sombra breve
Da vela à flor do mar.
Sombra! de leve, leve,
À flor da luz passar.

Manila. Ilha de Luçon, Agosto de 1911.

STRAITS IDYL

STRIMOS de oiro e de âmbar rescendente
Cingem-te o colo pálido a odorar.
Abre a flor das orquídeas de repente,
Num morno aroma como o do colar.

Florinhas todas sangue como gômos de pitangas
Bordam o teu cândido vestido de musselina.
E co'a tua alvura entre o pique e o mel das mangas
Mal-curada e fernandina.

É rósea a tua bôca como o coração
Das doiradas goiavas.
Têm teus longos olhos negros o negror do jambulão,
Das carandas bravas.

E em teu seio suave, do palor da jaca
Bárica, estremece e cora
Um fresco par de rambutans. Tua pele odora
Ao mangustão e aos finos jambos de Malaca.

Cruzam-se na Árvore-triste as chamas fátuas
Fosforescentes dos vagalumes...
Já teus olhos lindos que se turvam de alvos lumes
Lembram o olhar albente das estátuas.

E a noite agrava o claro, ansiado aroma
Das sansevieras e dos mogarins...
És toda vida como o ardor e o olor que assoma
No tronco em flor dos bilimbins!...

Singapura. Agosto de 1911.

CANÇÃO JAVANESA

Dól, babá, dól
Meu babá querê coll.
Dól, babá, dól, babá,
Meu babá, meu babá piquinim.

Canção goêsa de berço.

JÁ lá está o bicho-cobra,
Vai assustar o menino.
Pobre de quem é piqueno,
De quem é tão tamanino.

Tóké, não te vás embora,
Tóké, não fujas de aqui.
Tóké, o menino chora,
Quer-te bem ao pé de si.

Se o tóké guarda o menino
O bicho-cobra não vem.
São do tóké bem amigos
O menino e a sua mãe.

Bicho-cobra, vai-te embora
De cima do meu telhado.
Quem tem filhinhos piquenos,
Teme agoiro e mau olhado.

Palo-Weh, Agosto de 1911.

DALAGA

«Miró las muertas flores blancas de ella, los sueños virginales de la dalaga de carnes de oro perfumado, de carne de *champakas*... »

«! Oh, el aroma de sampagas de la mujer filipina!»

JESUS BALMÓRI — *Bancarrota de Almas.*

franzininha e de âmbar-gris *dalaga,*
Vestida aladamente à filipina,
Leva livros e flores de *sampaga.*
É estudanta de medicina.

Conversando aguardamos um *tranvia,*
A roxa sombra da espanhola Igreja.
É graciosa, e a sua doce bôca ria.
Como as suas azas o seu riso adeja.

Arde Manila em flor num verde lume.
Cheira a orquídeas, a manga, a *ilan-ilan.*
É uma abrazada lava de perfume
A luz de nácar da manhã.

Peço o nome tagalo das floritas.
Simples, amávelmente, ela responde.
É *ka-mian* a que entre alvas *sampaguitas*
Sôbre o seu seio, pálida, se esconde...

—*La quiere usted?*—pergunta-me sorrindo.
E dá-me a flor que em seu calor desmaia.
Há no seu gesto cândido florindo
O estranho encanto da mulher malaia.

Num livro de Balmóri guardo ainda,
Leve e diáfana, a flor dessa manhã,
A *coronaria* perfumada e linda,
—«que nos otros llamamos ka-mian.»

Lola, Consuelo, e Carmen, e Titina,
Espanholinhas gráceis a bailar,
Mais suave na *dalaga* filipina,
É ainda a vossa graça a enfeitiçar.

Lisboa, Dezembro de 1919.

PANTUM

Para a grande sombra amiga de Rubèn Darío

É um gomo doce e fresco a tua bôca.
Nunca me farto de o sorver na calma.
Como dum fruto que a minha alma alouca
De conter todo o aroma da tua alma.

Nos vermelhos outeiros já doirados
Estão os fenos, duma chuva à míngua.
Bosques do cravo, sempre perfumados,
Não tendes mais frescor que a sua língua.

Já está de sangue a moscadinha de oiro!
Já fendida, na sombra perfumada!
Génios! depressa, quero um grão tesoiro!
Perlas, diamantes, para a minha amada!

Borboletas, lucíolas de fogo,
De dia ou noite enfeitai-lhe a varanda.
Doces orquídeas, dai-lhe cheiro, logo
Que ela acordar mais lânguida e mais branda.

Ao vir de alva, em gorgeios, acordai-a.
Cantai-lhe, aves do outeiro, o meu amor.
Flores da terra e da água, perfumai-a.
Dizei: Por ti tem êle a alma em flor.

És duro, mangustão! mas que perfume
Fundido e suave nos dilues no sangue!
É duro o teu amor, olhos de lume!
Mas o teu seio como é fresco e langue!

Ponho na esteira as peles de leopardo.
Doce e de morte é o leito que te faço.
Rosas, mais rosas, em montões o nardo!
Nem a morte desprenda o nosso abraço!

Mar de Amboíno, Agosto de 1911.

PANTUNS MALAIOS

(Sôbre uma tradução de Mr. Antoine Cabaton)

A Mr. Arnold van Gennep

CAVALO branco com os cascos pretos,
É o que monta o sultão Iskander.
Em carícias és pródiga de afectos.
Mas só mentiras me sabes dizer.

*

Teremos esta noite milho assado.
Milho miudo amanhã se há de coser.
Juntos veremos o serão passado.
Mas amanhã quem o pode dizer?

*

Alto, alto é o *lambári,* e varre altivo
Co'a branza em flor a nuvem sobranceira.
Buscas baldadas! Sou um morto vivo.
Pombo verde que perde a companheira.

*

Donde virão as sanguesugas, donde?
Vêm do arrozal, e para o arroio vão.
E donde vem o amor ardente, donde?
Nasce nos olhos, desce ao coração.

*

Se na estrada da morte eu for adiante
Colha a flor da *kembodja,* e vá-ma dar.
Mas se primeiro for o meu amante
À porta do Paraiso me há de esperar.

Lisboa, Janeiro de 1920.

DOCE SOMBRA IRADA

Ao Dr. Fidelino de Figueiredo

JURO e tresjuro, pelo sangue e a chama,
As mãos cruzadas sôbre o criz de Java,
Que é a voz dela que nas sombras chama,
A mesma voz que outrora me chamava!

Lá irei ter à sombra da camboja
(Ó mãe, socegue-a, minha mãe, conjure-a!)
Quando o reimão nos bambuais se arroja,
E a cobra ergue o seu capêlo em fúria.

Ó não te irrites, doce sombra irada!
Corri os mares para te esquecer.
Mas eras linda, toda ensanguentada!
Custou-te tanto à minha mão morrer!

Eram santelmos de oiro as noites cérulas,
Relampejando à luz das ardentias.
Aos pégos verdes ia pescar pérolas.
Sob a camboja nunca adormecias.

Cada vir de alva era o teu sangue ardendo!
O sol do dia, o jorro que escaldava.
A noite, sempre, a tua voz gemendo,
A voz de amor que o sangue já abafava!

Ó basta, morta! Com o criz escavo
Tua cova à sombra da camboja em flor.
Verás a pressa com que o peito cravo,
Para a tua alma adormentar de amor!

Lisboa, Janeiro de 1920.

LACAS DOURADAS E VERDES

EMBAIXATRIZ DO ORIENTE

A Espírito Santo Lima

Vi-A embarcar, suave e franzina,
Vestida à moda da estação
Como uma Parisiense fina
Essa embaixatriz do Japão.

Olhos um quasi nada estreitados
Na breve sombra das sobrancelhas.
Palidez toda em tons ambarados,
Na bôca o ardor das rosas vermelhas.

E não, não era a caricatura
Do figurino duma elegante,
Mas a flor duma alta cultura,
A *Grande Dame* do Sol Levante.

No coral negro do olhar havia
Já a tristeza dum sonho de hoje,
Talvez a vaga melancolia
Dêsse passado que à pressa foge.

No trajo embora da ocidental
Bem se pressente como ela é
Ainda a mulher oriental,
A Sada Yaco e a *Musumé*.

Ó Fernão Mendes, como palpita
Na tua obra de heroica energia
O rir gracioso da princezita
Que te troçou no Japão um dia!

Meigas mulheres orientais,
Ó Japonesas das embaixadas,
Vós, doces Turcas «desencantadas»,
Não se repete o passado mais.

E, Stambul de oiro! florida Yêdo!
Cairo de rosas! pode bem ser
Que já guardeis o extremo segrêdo
E a graça última da mulher.

Singapura, Agosto de 1911.

NINA CHAI

A Wenceslau de Moraes

REBUÇADA em negro *dó*
Vai à missa Nina Chai.
Vai à missa, ou onde vai?
Desfaz-se em perfume a aglaia.
No fino ar matutino
E a maresia da praia
Tange um repique de sino.
Com seu passo meùdinho
Pobre linda Nina Chai
Vai à missa, ou onde vai?
Treme-lhe o coraçãosinho

Como o alvo *frio-frio*...
O ar é um setim macio.
As lorchas abrem ao mar
Dum oiro verde de laca
Azas jaldes de quimera.
É tudo luz, primavera,
Doce aroma de champaca.
No baile lhe prometera
(As meninas de Lisboa
Tambem prometem assim?...)
À missa primeira entrar
A portinha do jardim...
Prometer, como podera?
Jesus! Ficarem a sós...
À missa repicam sinos.
Passam depressa outros *dós*
Na rua clara e silente...
Ao vento leve da praia
Lá dentro a alvura da *caia*
Estremece docemente...
Vai, Nina Chai, vai viver,
Vai viver, pobre criança.
Sempre é tempo de morrer
Sem fé e sem esperança,
Ou, pior, de envelhecer.

Repicam à missa os sinos.
É amorosa a manhã.
Pobre linda Nina Chai
Já à missa não vai, não vai!...
«Saian, ai qui saian,
Àmôr, vida, coreçan!»

Macau, Agosto de 1911.

OS DEZOITO TESOIROS

(Sôbre uma canção chinesa de Judith Gautier)

Os seus olhos são dois lagos
De bambus pretos orlados.
As sobrancelhas tal qual
Espiguinhas do centeal.
Ai-yô, ai-yô, gosto dos olhos da linda moça.

A testa é a pedra jada
Ao caír nela a geada.
Lembra o cabelo os salgueiros
Com os rebentos primeiros.
Ai-yô, ai-yô, gosto da testa e do cabelo da linda moça.

A bôca é rubra peonia
Que há de abrir rompendo o dia.
As faces como rosadas
Peonias desabrochadas.
Ai-yô, ai-yô, gosto da bôca e das faces da linda moça.

Os seios, flores que estão
Veladas pelo nevão.
Ombros, lembram da cegonha
Azas que fechadas ponha.
Ai-yô, ai-yô, gosto dos seios e dos ombros da linda moça.

Os pésinhos descobertos,
Nenúfares entreabertos.
As suas pernas delicadas
São duas pi-pás voltadas.
Ai-yô, ai-yô, gosto dos pés e das pernas da linda moça.

O ventresinho é um lago,
Do luar ao trémulo afago...

Macau, Agosto de 1911.

PAISAGEM

(Do poeta Su She — 1036-1101 ap. J. C.)

A Camilo Pessanha

Os nelumbos do estio já acabaram,
Já os não há. E apenas só ficaram
As suas folhas em chapeu de sol.
Os outonais crisântemos murcharam,
Mas os ramos altivos que guardaram
Já se curvam à geada fria e mole.

A adorável paisagem do ano, veja
Se na memória o sábio a guarda agora.
Porque é o tempo em que o limão verdeja,
É já o tempo em que a laranja aloura.

Lisboa, Janeiro de 1920.

LÍRICAS JAPONESAS

TANKÁS E KAI-KAIS

Á memória encantadora e gentilíssima da Sr.ª D. Isabel Eugénia Maria Catarina da Silveira e Lorena, 15.ª Condessa do Prado e 13.ª Marquesa herdeira das Minas, a quem em vida agradavam estas piquenas líricas de exotismo.

O pobre como te abrigas,
Com rios de lés a lés!
Ai casitas das formigas
Nas chuvas do quinto mês.

*

É uma nevada
De flores... Não, lá vem ver-me
A minha amada!

*

Quizera dar-te um colar
Enfiando todas as lágrimas
Que me tens feito chorar.

*

Ao vir do outono,
Ao vir da tarde,
Minha alma chora.
Sentem-se as folhas
Caír lá fóra.

*

Uma maneira há sòmente
De neste mundo viver
Que possa satisfazer:
É viver-se tristemente.

*

É o outono. A avesita
Que voa, só, além,
No céu tão carregado,
Olha-a triste tambem.

*

Com tanto custo, emfim,
Pude ao cume chegar.
E de repente alarga-se
Sombrio, espúmeo o mar...

*

Flor murcha que ela deixou,
Do nosso amor o perfume
Porventura em ti ficou,
Que hesito em deitar-te ao lume?

*

Lá se juntam pelas vinhas
Aos bandos as rapozinhas.
E sob a tua varanda
Quanto namorado anda.

*

Noite de outono presta-se
Ao toar das violas.
E a da primavera
Ao soar das castanholas.

*

À luz vermelha da tarde
O repuxo é brazas, arde.

*

Lábios de amante,
Flor rubra e fria.
Um pavão branco
A manhã de invernia.

SEPARAÇÃO

Por maiores tropeços
Que o álveo ponha à ribeira,
Águas divididas
Pelos seixos e as areias
Lá ficam por fim unidas.

A ÚNICA NOITE

Ao teu coração,
Dize, uma só noite em claro
Como serenou,
Se o meu para todo sempre
Mais agitado ficou.

O IMPOSSÍVEL ESQUECIMENTO

Como hei de esquecer
Quem me desdenha sem dó
E me desespera,
Se todas as noites vem
Dizer-me em sonhos: espera!

OLHANDO A LUA

Longe dos teus olhos
Perdem-se os meus a mirar
O céu estrelado.
Ah! se a lua se tornara
Um fino espelho doirado.

MELANCOLIA

O teu coração
Bem sei que é de outro, amor meu.
Penso no salgueiro
Que no meu jardim cresceu
A ornar o jardim fronteiro.

INQUIETAÇÃO

Será constante
Seu amor? Vá lá sabê-lo!
Mas desde alva
Se erriçam meus pensamentos
Como o meu negro cabelo.

AMOR SECRETO

Por mais que faça
Para esconder êste amor
Trai-o o meu rosto.
Pois todos logo perguntam
A razão do meu desgosto.

DESESPERANÇA

Como se quebram
Co'o temporal nas surribas
Ondas do mar,
Assim contra o seu orgulho
Meu amor se vai quebrar.

UMA ÚLTIMA VEZ

Antes da morte
Fechar meus olhos, eu vê-la
Quizera ainda,
Para comigo levar
A sua imagem tão linda.

Riso da sua bôca, vai voando,
Vai-te poisar no cerejal em flor.
Vem, aroma vermelho fino e brando,
Vem perfumar meu coração de amor.

O ESPELHO DE AFRODITE

E A

OFERENDA DE ROSAS

On peut toujours aimer.

M. MAETERLINCK.

Amor vigilat, & dormiens non dormitat...
... deficiat in laude tuâ anima mea, jubilans ex amore.

De Imitatione Christi, lib. III, cap. IV.

BALADA DA PRIMAVERA

« ... ás falsidades de hum rostinho de tauxia de huma dama lisbonense que chia como hum pucarinho novo com agua... »

Duma carta de Luís de Camões, no desterro da Índia.

Para o Dr. Luís da Camara Reys

Os lindos olhos das Lisboetas
Estão em flor com a primavera.
Tranças castanhas ou tranças pretas
Têem mais luz como as folhas da hera.

Chiado abaixo, Chiado acima,
Na rua do Oiro a passarinhar,
À alfacinha o olhar reanima
A flor de vida que enflora o ar.

Chia que chia, são pucarinhos,
Co'as águas novas todos frescor.
E nas suas vozes quantos carinhos,
Que de doçura no olhar de ardor!

Rosas e luto sôbre os altares!
Jesus tão novo que vai morrer!
Mas já, Lisboetas, vossos olhares
Brilham da esperança de reviver.

De reviver na graça e no riso,
Como as olaias o sangue em flor,
As primaveras do Paraiso,
Pascoas floridas de eterno amor!

Tranças castanhas ou tranças pretas
Já teem mais luz como as folhas da hera.
Os lindos olhos das Lisboetas
Estão em flor com a primavera.

Lisboa, Domingo de Ramos de 1918.

DOLORA

> Tout est pur, tout est tranquille, tout est aimable et tout est doux, ce soir en vous, em moi ce soir, ce soir encore autour de nous.
>
> PAUL FORT.

Á memória do poeta Mário Pacheco

A noite chora docemente
No chôro dos violões.
Soluçam como a sombra ardente
Os nossos corações.

O coração da noite chora
Baixo, afogadamente.
É uma pena imensa fora,
E em nós, intimamente.

Vida! o que é que morre agora
Nos nossos corações?
A noite docemente chora
No chôro dos violões.

Lahane, Março de 1910.

MILAGRE DE SANTO ANTÓNIO

A Gustavo de Matos Sequeira, o historiador de Lisboa

LOGO que o Papa co'a Clerezia
A Santo António canonisou,
Foi em Lisboa naquele dia,
Foi nestes Reinos uma alegria
Que bem ao certo não se explicou.

Sem que ninguém as cordas dos sinos,
Toca que toca, fosse puxar,
Todos os sinos, grandes ou finos,
Todos os sinos, todos os sinos,
À uma entraram a repicar.

Portugal era a torre das Fadas,
Cheia de luz e sinos cantando.
Cantavam sinos lá nas oradas,
Bailavam ondas nas enseadas,
Vinham cardumes à flor bailando.

Bailavam pobres pelos caminhos,
Riam fidalgos em seus solares.
Não houve flores de rosmaninhos
Que não se abrissem pelos maninhos,
Nem fontes sêcas pelos vilares.

Mas em Lisboa foi o bonito.
Santo Antoninho por cá nascera,
Por cá brincara em pequenito,
Quando o seu rosto era um palmito
E ria às moças na primavera.

Bailaram moiras nas almuinhas,
Bailaram moços do mar também,
Mesmo as freirinhas e as viuvinhas,
E as bilhas todas nas fontaínhas,
E até no Poço do Borratem.

E que de sinos que repicaram!
Como folgavam mesmos os judeus!
Das bilhasinhas quantas quebraram,
Das donzelinhas quantas amaram,
Ao vir a noite de ver a Deus!

Os mangericos então caíram
Em Portugal do alvo luar.
Flores mais frescas jamais se viram!
As alcachofras como floriram,
Mesmo depois da chama as crestar!

Êste é o milagre que ainda ilumina
Mesmo sem sinos, no ano uma vez,
A pobre terra de ódio e solina.
Meu Santo, sempre a florir ensina
A alma crestada do português!

Lisboa, noite de 30 de Maio de 1921.

NOITE DE SANTO ANTÓNIO

A Francisco de Almeida Moreira

MANJARIQUINHOS do Santo António,
Quando Lisboa retoiça ao luar,
E as moças são o vivo demónio
P'ra amor do Santo as poder fadar,

Manjariquinhos, dai vosso viço
Às alcachofras que ardem de amor.
Abri, Santinho, a flor do derriço,
A flor azul do desejo em flor.

Não é quebrar apenas as bilhas
Das pobres feias enamoradas.
Santo Antoninho, todas são filhas,
Reverdecei-lhe as flores crestadas.

O mal maior é o mal dos sòsinhos.
É mais amargo chorar a sós.
Ó passaritos fora dos ninhos,
Ninhos perdidos, pobres de vós!

Ó Santo António que amas as moças,
Faz só de amor a noite das Fadas...
Vê, meu fradinho, vê se remoças
Mesmo as viuvinhas e as malcasadas.

Enfeitiçada noite de amores,
Fôra a mais longa de todo o ano!
Se a terra fosse toda de flores,
E envelhecer uma flor de engano!

Abrem papoilas entre as espigas.
Rompe a alcachofra, vá de bailar.
São os rapazes e as raparigas
Que estão em flor e querem amar.

Lisboa, Novembro de 1919.

BALADA DO ETERNO AMOR

Á Senhora D. Maria Novais de Castro (Rezende)

S lindas moiras encantadas
Cantam de amor à luz do luar.
Não ha romãs mais encarnadas
Que as suas bôcas namoradas,
Entreabertas a suspirar.

Como os olhos brilham ardentes
Sob a alvura do «almaizal»!
Vem dos açudes e as nascentes
Um soar de adufes. Entrementes
De amor fala o airoso «gazal»!

Cantam as moiras encantadas,
Sonham ao luar de eterno amor.
Os cavaleiros das Cruzadas
Param nas sombras, perfumadas
De madresilva a arder em flor.

Juram eterno amor constante
Os cristãos às moiras morenas.
Sai da roupagem alvejante
Do lindo bando moço e amante
Um fino aroma de açucenas.

Toda a Moirama se extasia
Na doçura da luz do luar...
Cavaleiros! quem tal diria!
Ides à guerra nessa porfia,
Não vos deixais enfeitiçar!

Montanhas da Ermera (Timor).

CIGARRINHAS BEIRÃS

Á Senhora D. Branca da Gonta Colaço

CIGARRINHAS beirãs apaixonadas,
Minhas patrícias, luz das serranias!
Chiais tão lindo pelas consoadas,
Por magustos, merendas, romarias.

A vossa doce voz toda carinho,
Ó morgadinhas dessas Altas Beiras!
Lembra musgos, caruma, rosmaninhos,
E o som da aragem por pinhais e urgueiras.

E sois românticas, chorais ainda
O *Dom Jaime* e o *Amor de Perdição.*
Em Portugal vossa alma é a mais linda,
Em que mais medra a rosa da Paixão.

Ó Senhora dos Verdes, ó Senhora
Do Castelo, dizei-me que ramalda
Será mais meiga e enternecedora
Que a das filhas da Estrela à vossa espalda!

Serra da Estrela, alva ou azul, consoante
A côr do tempo, para mim, de criança,
És meu sonho de luz alto e distante,
Inabalável como a esperança.

Pelas Missas do Galo, nas Semanas
Santas, e nas Fogueiras de São João,
As morgadinhas são ternas e humanas,
As cigarrinhas chiam de paixão.

Ó cigarrinhas que chiais tão doce,
Cantai um dia ao pé da minha cova,
Como se ainda por Mangualde fosse,
Ou por Vizeu, minha alma ingénua e nova.

Lisboa, Fevereiro de 1917.

REVOADA

S borboletinhas claras
Onde quer vão metidinhas.
Bonda-lhe a benção do sol
E a amizade das florinhas.

Num raio de sol brincamos.
Nossas azinhas, voar!
Voar, emquanto estremecem
Cheiinhas de luz no ar.

O pó da terra é tão triste!
O sono que nos espera
Nem sequer nos lembre agora,
Que é luz tudo e primavera.

Agora é voar, ter azas,
Brincar, rebrilhar, voar,
Por cima de toda a folha
Das rosinhas de toucar.

Ambletense, primavera de 1919.

MELODIA DO OUTONO

Estate di San Martino, primavera dei morti...

GABRIELE D'ANNUNZIO.

loira graça marcescente
Dos quarenta anos a findar
Dá-lhe um lindo ar grave e dolente
De luminoso outono ardente,
Sol de São Martinho a passar.

Dia dos mortos seu olhar evoca,
Campo Santo dos mortos a brilhar.
É de chorar que a voz é doce e rouca.
Tanta tristeza roça a sua bôca,
Tanta saüdade entreva o seu olhar!

A lufada desprende do folhedo
O último viço. Extático, no ar
Da tarde imensa e diáfana, o arvoredo
Concentra-se num íntimo segrêdo.
Caí, folhas do outono, devagar!

Desprende-te, alma trémula e dorida.
É ainda a vida suave a palpitar,
E a amargura das lágrimas da vida...
Ó doçura da tarde obscurecida,
Infindo inverno que vai começar!...

Lisboa.

ELEGIA DA RAÍNHA SANTA

É a sua alma que eu amo, estranha amiga.
Se isto é sempre amizade, é puro amor,
Amor que nada espera e a nada a obriga,
Todo de luz anímica interior.

Nos limbos do passado ou além da vida
Já tivemos igual conformidade.
Foi alguma amizade interrompida,
Grumos dum mesmo sangue de ansiedade.

Hoje é meu ser um lúcido alabastro
Ardendo ante um sacrário de alva crença.
E nas sombras da vida alarga um rastro
Etéreo e alado duma astral presença.

Dê-lhe o nome, se quer, só de amizade.
Que importa o nome se o vir de alma é tudo.
Sinto que já fui seu, sinto a saüdade
Do que era vida, e hoje é passado mudo.

Remontou-se a minha alma a mais ternura.
Enriqueceu-a um sentimento assim.
Não ser egoista, como é bom! Que escura
A vida que não sonha um alto fim.

Em mim é a alma da infância que renova.
Duas vezes criança é-se na vida.
E feliz do que leva para a cova
Uma alma infantil terna e iludida.

Minha Raínha Santa de criança,
Que linda! E a nuvem que a levava em fogo!
Foi meu primeiro amor, primeira esperança.
Se eu tinha febre vinha ver-me logo.

Como era bom obedecer-lhe em tudo!
Como ela premiava o meu amor
Co'as rosas do seu riso de veludo,
E as violetas do olhar de estranha côr!

Ó meu avô Crisfal, se em mim surgia
A tua alma de celta enfeitiçada!
Ó suave Iseu, se a amorosa magia
É ternura de mortos relembrada!

Desce, Raínha Santa, como outrora
Ao meu sonho pueril, na pura noite.
Deixa que o coração na extrema hora
No teu manto estrelado ainda se acoite.

ÁGUAS DE ABRIL

Ó meu Março marçagão,
Não tens chuvisnos de Abril
Que da terra ao coração
Chegam coados por mandil.

E de então ao alacil
Não fica um palmo de chão
Donde não brotem às mil
Flores que ao depois nos dão

Fruta, pão, e o mosto a arder...
Ai chuveirinhos do amor
Que tornais mais lindo o ar,

Sem vós que havia de ser
Da terra que quer dar flor
E há de com tempo fruitar!

Lahane, Julho de 1910.

EDELWEISS

FRAÜLEIN, a edelweiss suave que me deu,
Há quanto tempo! em tarde de tristeza,
Não me morreu de todo, não morreu.
É mais tenaz que um sonho de Vienesa.

E ressequida, a pobre, inerte e frouxa,
Lembra o esplendor eterno dos glaciares,
O alvor de abismos em que desabrocha
Perto das águias, no clarão dos ares.

Assim mirrada é ainda uma saüdade
A flor das primaveras de Engadina.
Ah! mas vê-la a florir na imensidade
Dum sonho alto como a neve alpina!

Lahane, Março de 1910.

NUNCA MAIS

JÁ a sombra desce da serra
Ao val de luz e de paz.
Tambem quer descanço a terra,
Tambem a noite lhe apraz.
Há tanto que não sei dela,
Da minha sòsinha estrela.

Seu lindo riso tão triste
Brilhava como a orvalhada.
Como o orvalho te sumiste,
Estrela da madrugada.
Na luz desapareceu
A minha estrela do céu.

Um brilho último arde,
E é a noite sem ti que vem,
Pérvida estrela da tarde!
E é a sombra infinda tambem...
Se nunca mais hei de vê-la
A minha sòsinha estrela!

Díli, Agosto de 1911.

DESPEDIDAS DO C. E. P.

QUEM canta a saüdade espanta.
À guitarra hei de cantar
Lindos olhos de Francesas
Que os meus já fazem chorar.

Soldadito português,
Vais partir não tarda nada.
De saüdades, ó minha alma,
Cá vos deixo amortalhada.

Cá vos fica a nossa alma.
Francesas, que lhe fareis!
Não sabeis o que é saüdade,
O que é amor não sabeis!

Nossas Damas Enfermeiras,
Que sois aqui nossas mães,
Sorrisos de Francesinhas
Fazem mais mal que alemães.

Mademoasela, na «Trincha»
Como um rouxinol chorava
Em noites de negra lama
Os beijos que lhe não dava.

Loiro musgo enfeitiçado
Que esconde a lapa das Fadas,
Visse-te eu, musgo encantado,
Na noite das orvalhadas.

Moças da Terra dos mortos,
Rosas do Aire e Saint Venant,
O amor duma Francesa
É a neve da manhã.

Não há como uma Francesa
Para esquecer quem a amou.
Na saüdade o amor nos dura,
Saüdade é amor que durou.

Ó Terras do mundo grande,
É sina a alma da gente
Ficar por vós repartida
A lembrar-se eternamente.

Soldadinho já sem alma,
Mais te valera ficar
Nas frias lamas da Flandres
Do que sem alma chegar.

Céu de França, tão mudável!
Genevièves, minhas flores!
Êle é que ensina a inconstância
Dos vossos breves amores.

Francesas, daqui a nada
Esqueceis o C. E. P.
Mas eu lá no coração
Verei quem já me não vê.

Ó França, terra da Graça,
Do riso do coração,
Vimos-te linda e invencível
Arder na tua Paixão!

Adeus, Louises, Henriettes,
Adeus, Sainte Jeanne d'Arc!
Que C. E. P. de saüdades
Vai para a base de Embarque!

Ó Cherbourg, de airosas moças,
Tarros de oiro de ordenhadas!
Que saüdade, o fino mosto
Das maçãsinhas rosadas!

Norte da França, primavera de 1919.

PANTUM DAS PERLAS E DO AMOR

A M.me Marie Dauguet

AMOR, sua imagem fixou-se
Da minha alma no mais fundo.
—Furtais êsse lustre doce,
Ó perlas do mar profundo.

No silêncio e a claridade
A alma esconde o amor ardente.
—Perla, és toda a suavidade
Do oceano resplandecente.

Ó perlas do mar salgado,
A quem vos cria matais.
—Amor bem nalma gerado
Só com a vida o deixais.

—Perlas das águas mais verdes,
Dos pégos fosforescentes,
Não foi, não, perlas doentes,
Para agoiro bom nascerdes.

—Perla, teu brilho já o tinha
O nácar na luz das águas.
—Amor, vosso encanto vinha
De meus sonhos entre máguas.

Lahane, Maio de 1911.

CANTAR DE AMIGO

Á Sr.ª D. Maria Benedita Mousinho de Albuquerque Pinho

I flores, ai flores do rôxo rosmano,
Sei dum Reino estranho eternamente em flor.
—Ai amor, e onde é?

Ai rosais de rosas-de-todo-ano,
Rosas dêsses Reinos não perdem a côr.
—Ai amor, e onde é?

Ai flores, ai flores do rosmaninho,
Flores que ali brotam vivem só de ardor.
—Ai amor, e onde é?

São a eterna chama de mortal carinho,
São o eterno sonho de mortal amor...
—Ai amor, e onde é?

Lahane.

ESTANÇAS

Ao poeta dinamarquês Carl Kjersmeier, enamorado do lirismo das nossas terras solares

MA de amor igual a morredoira graça
E a beleza fugaz da mulher e da flor.
Infloram-te igualmente o instante que passa.
Uma dá-te perfume, e dá-te a outra o amor.

Aspira todo o aroma às rosas das tuas horas.
As pétàlas de vida esfolham-se uma e uma.
Colhe-as. Se o inverno vier co'o frio das desoras,
Nos âmbares dum dia a tua noite perfuma.

Sonha, sonha tambem. O sonho é a magia
Da nuvem fugidia, e que se doira e arde.
Sonha. E hão de animar-te as sombras da agonia
Alvas de rosiclér ou púrpuras da tarde.

Lahane, 1911.

*

O outono já levou as folhas do arvoredo.
Já tua alma perdeu toda a flor de ilusão.
Agora que te resta? Escutar o segrêdo
Que te diz o aquilão:

—Novinho, viste o mundo a uma luz de esperança.
Enfeitiçou-te, moço, o encanto da mulher.
Homem, colheste o fruto e amanhaste a lavrança.
Só te resta morrer.

Lisboa, 27, 11, 1921.

*

Minha alma é um frio e luminoso inverno.
Arde de sol e tolhe-se de frio.
A vida segue no seu curso eterno,
Esplêndido ou sombrio.

Que te importa que a sombra me regéle,
Esplendor sideral!
Morra o corpo, e que o espírito só véle,
Numa ânsia imortal.

Lisboa, 1922.

EPITALÁMIO DAS IRMÃSINHAS

IRMÃ, o nosso bom ninho
És a primeira a deixar.
Vais seguir o teu caminho,
Vais mundo em fora a voar.
É sina das azas novas
Desdobrarem-se, voar.

Lembre-te o nosso carinho
No amor do teu novo lar.
Não te esqueças do teu ninho,
De todas nós a chorar.
É sina das azas novas
O velho ninho deixar.

Nem sempre é azul o caminho
Na imensidade do ar.
Mas no incerto torvelinho
Busca o amparo do teu par.
É sina das azas novas
Um novo ninho buscar.

Loanda, Dezembro de 1912.

CANÇÃO DE IRIA, A COITADA

LEVEI à fonte santa a cantarinha,
Não na quebrei, amor, não na quebrei!

Tralarilará, tralari, meu bem.
Meu amor tem sêde, quanta sêde tem!

A sete chaves de oiro-guardadinha,
E com cadeias de oiro a encadeei.

Tralari lará, tralari, meu bem,
Pobre amor, tem sêde, tanta sêde tem!

Trouxe de água encantada a cantarinha,
Não na quebrei, amor, não na quebrei.

—Uma sêde de água dê-me já, meu bem!
—Pobre amor, tem sêde, quanta sêde tem!

A fonte selada tanta aguinha tem.
Cântara encantada não é p'ra ninguem...

—Uma sêde de água dê-me já, meu bem!
—Ai! p'la manhãninha já sêde não tem!

LÁGRIMAS

violeta franzina e perfumada
Tem lágrimas tambem,
E relembra na luz da madrugada
Algum perdido bem.

A vida é assim, pobre violeta suave.
Se há lágrimas na dor,
Há-as em tudo o que é belo e mudave,
Há lágrimas no amor.

É o conselho da vida que murmuro.
Confunda-as num gemido,
As do êxtase do instante ardente e obscuro,
E as dum bem já perdido.

Seja a chama de amor, que arde e descora,
E é vida a palpitar,
E as lágrimas do bem dalguma hora
Dar-lhe hão mais luz ao olhar.

Loanda, Outubro de 1912.

TIERRAS DE LA VIRGEN

... la adorable niña española
— Rosario, Carmen, Clara o Lola —
vegeta sola ¡siempre sola!...

Triste destino el de estas nenas
del paraiso provinciano;
pálidas, dulces y morenas,
locas de amor ¡y siempre en vano!

ANDRÉS GONZALEZ BLANCO.

FLOR humilde do *Barrio de la Viña,*
Floria simples como a rosa brava.
Do quartito de livre pobresinha
Via a tarde esmaltar a ideal marinha.
Cádiz de jaspe nêsse azul boiava.

Um *piropo,* um seu *sal,* infantilmente.
E começou aquela intimidade.
Mercedes! só já vive em minha mente
Tua imagem de amor, pálida e ardente,
E a tua alma de infância e virgindade.

De volta da zarzuela viva e fina
Teu sonho de católica e romântica
Aspirava à paixão pueril, divina,
No aroma a cravos da Plaza de Mina,
Pela Alameda de Apodaca atlântica.

Ó *Navidad* de luz! Na *Noche buena*
Era um céu de inocência cada altar.
Com teu ceceio andaluz, tua pena,
Que linda! a scismar já na Madalena,
No amor que tudo sabe perdoar.

São bem as *Tierras de la Virgen* Vossas,
Inmaculadas róseas de Murillo!
Pela candura de andaluzas moças,
Mesmo na chama de impurezas nossas,
Rogai a Vosso bem-amado Filho!

Terra argêntea da Bética, o bailado
De tuas *niñas* já a Roma aloucava.
E a nós dão no candor do seu pecado
Sua paixão de amor, suave e exaltado,
Como dá rosas a roseira brava.

Lahane, Junho de 1911.

TISICASINHA

Tabidorum vultus amabiles

PÁLIDASINHA, curvada,
Os olhos postos no chão,
Lembra uma freirinha, alheada
No arroubo da oração.

E passa, de branco toda,
Por sob as minhas janelas
A scismar, só vendo em roda
Um sonho de anjos e estrelas.

Pálida, pálidamente
Um doce riso lhe aflora
Na bôca tão linda e ardente,
E logo, triste, descora.

Não é dêste duro mundo.
É, sim, a alminha embruxada
Duma moirinha encantada
Que pena de amor profundo...

Não! tão tristinha, a tristeza
Dos olhos postos no chão,
É da pena com certeza
De ter morto o coração.

Loanda, Julho de 1912.

RUIVA DE LÉOPOLDVILLE

La niña es tan rubia què
Quando al sol non se la vè.

FICA a lembrar-me uma estrela
De alvura, de chama e aroma,
Se à luz da sua janela
A ruiva viajante assoma.

Solta a crespa côma ardente,
Foge, deixando a saüdade
De toda a estrela cadente
Sumida na imensidade.

Visão que esplende um instante,
Se fôra ainda assomar
E a noite morna alumiar
Como um ruivo sol levante!

África triste!... Tonturas
Do desejo... Branco lume
A evaporar das daturas
Um lento, mortal perfume!...

Loanda, 1912.

LA COMPLAINTE DES TRÉPASSÉS

LES belles Dames d'autrefois
N'ont plus déjà leurs fiers minois.

Ils ne sont que des trépassés
Les Chevaliers du temps passé.

Ceux qui ont vécu et s'aimèrent
Ne sont plus que de la poussière.

O! poussière douce des morts,
L'amour est fort comme la mort?

Les morts! Vos voix n'ont plus de son.
De vous rit la pauvre chanson.

Mais où sont les roses et les lys
Au pays du *De Profundis?*

Loanda, Julho de 1912.

AOS QUINZE ANOS DE DONASINHA MARGARIDA Y. DE O.

Os quinze anos agora
Vai fazer minha Senhora
Donasinha Margarida.
Os quinze anos! Quem dera
Que esta luz de primavera
Lhe alumiasse sempre a vida!

Assim êsses quinzanitos
Tão lindos e tão bonitos
Fazem-se em meio da Guerra,
Nesta dureza tamanha!
Viver! Mas a vida é estranha,
E quanta incerteza encerra!

Vale a pena parabens?
Crescer é fugir às mães,
Ser-se grande, mau, sofrer
Bem n'alma a desilusão,
O luto do coração...
Mas o que estou a dizer,

Ou a maldizer da vida,
Donasinha Margarida!
Mal da idade é murmurar.
Crescer é ter os carinhos
Dos pais, é ter quinzaninhos
Sempre, e brincar, cantar!

Quem faz assim quinze aninhos
Tão lindos e tão bonsinhos,
Pode lá envelhecer!
Enquanto vivem os pais
Ninguem faz anos de mais.
Viva! É viver, é viver!

Lisboa, Junho, 1917.

AS TRÊS MOIRINHAS DO AMOR

A Afonso Lopes Vieira, grande e perfeito Poeta

NA noite em flor, toda clara,
Tudo era flor, ou o sonhei.
No amendoal da flor mais clara,
No amendoal em flor entrei.
Três moirinhas encontrara,
Três moirinhas encontrei.
Eu para elas andara,
Eu para elas andei.
O frio encanto quebrara,
O frio encanto quebrei.
No amendoal da flor mais clara,
Eu no almanxar entrei.
Pelo amor lhes perguntara,
Pelo amor lhes perguntei.
Diz a que primeiro olhara:
—Sou nova, de amor não sei.—

Eu sua bôca beijara,
Frescor e aroma encontrei.
Palavra que me enganara
Na bôca em flor não achei.
Era a doçura mais rara
A que em seus lábios provei.
Outra sorrira, e calara.
Eu a sorrir a abracei.
Bôca que muda ficara
À minha bôca juntei.
Riso que me enfeitiçara
Co'êsse riso a alma alegrei.
A terceira só me olhara.
Os olhos de luz mirei.
A minha alma alumiara,
A minha alma alumiei
Naquela luz que brilhara,
No olhar que no meu guardei.
No amendoal da flor mais clara,
Eu no almeixar entrei.

Lahane, Julho de 1911.

FOGUEIRA DE SÃO JOÃO

Á Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

O esplendor da lua cheia, na Moirama, numa clara noite odorante de São João, toda a chamejar das fogueiras solsticiais das Herdades e dos Vilares. Mesmo as Alcáçovas resplendem, cerros em fora. Passa na aragem cheirosa a murta e a madresilvas o trino dos alaúdes, e o compasso fremente das soalhas e dos tamboris. O terreiro mosárabe do solar. Fogueiras de rosmaninho e de alecrim verde crepitam álacremente. Salvam as moças as fogueiras. Algumas cantam com os moços à desgarrada).

UM ZAGAL

Diz muito mal a cantiga:
—Não há amor como o primeiro—.
Pois eu cá não sei se diga
Que o melhor é o derradeiro.

AS CANTADEIRAS

Maçansinhas redondinhas,
Maçansinhas camoêsas!
Não há maçans mais bonitas
Cá por estas redondezas.

OUTRO ZAGAL

Os manguais batem nas eiras,
Já da espiga salta o grão.
Mulher que se não castiga
Não dá farinha nem pão.

UMA CANTADEIRA

É franco o da mão pesada.
Mas veja com quem se ensaia.
Não há onda que não quebre
Na areia fina da praia.

OUTRO ZAGAL

Moscatel cheira na bôca.
Beijo que se furta é mel.
Mas os beijos que se trocam
São bagos de moscatel.

UM PASTOR DAS SERRAS

No alto das nossas serras
Ficam mais perto as estrelas.
Donde vem esta saüdade
Que na alma se sente ao vê-las!

OUTRA CANTADEIRA

Eu não sou como as estrelas
Que andam sempre a variar,
Mas como a herva meùdinha
Que onde nasce há de ficar.

UM ZAGAL

Rosa de toucar, não deites
Os ramos por sobre o muro.
Os ladrões dos rouxinóis
Andam rondando no escuro.

UMA CANTADEIRA

Ai rouxinol, rouxinol,
Que pena não é a tua!
Não te ouve cantar o sol,
Passas as noites na rua.

OUTRA CANTADEIRA

Não gosto de quem só canta
Quando já não luz o sol.
Antes tu, meu pardalinho,
Que o vadio rouxinol.

UM ZAGAL

Como a flor da madresilva
Nenhuma outra me apraz.
Não arranha como a rosa,
E toda em flor se desfaz.

UMA CANTADEIRA

Arrenego dessas flores
Que tem mel p'ra toda a gente.
A rosa de todo o ano
Só de perto é que se sente.

OUTRA CANTADEIRA

As arvéloas e as felosas
Seguem-te sempre na arada.
Não percas tempo com elas
Que aquilo é ruim passarada.

UM PASTOR TRANSTAGANO

Vi uma cobra aos afufos
Na malhada das colmeias.
Raparigas com arrufos
Fazem boquinhas bem feias.

UM ZAGAL

Das capelas dos seus olhos
Quizera eu ser sacristão
Para enfeitar-lhas de lirios
Em noite de São João.

UMA CANTADEIRA

Quando uma vez a andorinha
Vai fazer ninho a um beiral
Só o dono da casa o quebra,
A nevada, ou o temporal.

UM ZAGALINHO

Bonda um só mólho de fentos
P'ra a gente à noite sonhar.
E se sonho com quem quero
Nunca eu podera acordar.

UMA CANTADEIRA

Inda está o dia claro
Já a lua se anda a mostrar.
Quem não guarda a sua aquela
Não lhe tarda o minguar.

UM MAIORAL

Ó lua, lua abençoada
Como a ovelha que arredonda,
Redondinha ou minguada
Nunca a gente te diz: bonda!

UM ZAGAL

Quando tu passas nas poldras
Fosse eu água da ribeira!
Chap! logo a subir toda
P'ra te ver bem, cantadeira.

UMA CANTADEIRA

Não se me faça atrevido,
Ó meu cravinho encarnado.
Não é com tanto paleio
Que o trigo fica espigado.

UM ZAGAL

Co' esses olhos de soslaio
Não se ponha a olhar p'ra mim.
Não cuide que tenho medo
De ver uns olhos assim.

UMA CANTADEIRA

Gosta então dos olhos piscos.
A mim só os vê çaniscar
Quando canto de alegria
Com vontade de chorar.

UM ZAGAL

Deite-me sal nesse riso
Quando se rir para mim.
Mal parece um riso insôsso
Em uma boquinha assim.

OUTRO ZAGAL

Meu cravo branco rajado,
Ó meu cravinho aldremão,
Que cheiro mal empregado
P'ra quem não tem coração.

UM MAIORAL

Quem deixou todas em sangue
As papoilas nos trigais?
Bonda de scismas, ceifeiras,
Vá de cantar como as mais.

UM ZAGAL

Mel de enxame novo arranha,
Ou não dá todo o sabor.
Mas o do tempo da apanha
Êsse vem de toda a flor.

UMA CANTADEIRA

Deixar falar as más línguas.
Hão de sempre badalar.
Nem só nas águas limosas
Se ouve à noite coaxar.

UM ZAGAL

Bago de romã é gosto,
Não é comer de sustento.
Mas um beijo no seu rosto
Engana a sêde um momento.

UMA CANTADEIRA

Matar a sêde quem queira
Vá beber à Fonte Santa.
É uma água milagreira
Que nunca a alma quebranta.

UM ZAGALINHO

Teu amor lembra a candeia.
Luz tamanha como a abelha,
E mais do que a lua cheia
Enche a casa até à telha.

UM MAIORAL

Nem sempre a rosa dobrada
Cheira melhor que a singela.
E então uva debicada,
Que é um fino mel toda ela!

UMA CANTADEIRA

Terra muito regadia
Não dá nem vinho nem pão.
Só lá medra a melancia
P'ra matar sêdes de verão.

UM MAIORAL

Tu fias-te em raparigas,
Bem enganadinho vais.
Aquilo são como espigas.
Só p'ra o bico dos pardais.

OUTRA CANTADEIRA

Não são sempre mais bonitas
As flores de altos canteiros
Do que as hervinhas nascidas
Sem luxo de jardineiros.

UM ZAGAL

Bem sei eu quem tu me alembras,
Ó herva, grande teimosa.
Bonda a orvalhada da noite
P'ra outra vez te pôr mimosa.

UM MAIORAL

Benza-te Deus! rapariga.
Nem um tojal te invejava.
Que de espinhos! É o sequeiro
Que te faz roseira brava.

UM ZAGAL

Ao colmear recolhe a abelha
O mel que há em toda a flor.
De tudo o que em ti é graça
Fiz na alma um favo de amor.

UMA CANTADEIRA

Nasce o amor bem verdadeiro
Da raís do coração.
Amor que nasce nos olhos
Não é amor, é ilusão.

UM ZAGAL

São tal e qual os teus olhos
Amorinhas dos silvais.
Já pintam como os teus beiços
As cereijinhas bicais.

Ai amorinhas das silvas,
Cerejas, quem dera mais!

UMA CANTADEIRA

São amor e desamor
Dois gémeos da mesma mãe.
Que ambos tanto se combinem
Já não no estranha ninguem.

UM ZAGAL

Com sete pedras na mão
Metes medo ao mais pintado.
Quando vier o teu São João
Não terás esse ar de enfado.

UMA CANTADEIRA

Que distância, noite escura,
Nessas estrelas do céu!
Mas ainda é mais a lonjura
Do meu coração ao seu.

UM ZAGAL

Só com teus cinco sentidos,
Coração, sòsinho vais.
Nem sentes o teu descanso
Quando já não sentes mais.

UM ZAGALINHO

O teu craveiro encarnado
Deita um cheiro que consola.
Sobe a cantar, cotovia,
Não tarda a rular a rola.

UM ZAGAL

Chove graça nos teus olhos.
Escusas de olhar de esguelha.
Só deixa de trovoar
Se brilha o Arco da Velha.

UMA CANTADEIRA

Pegue o arco do meu braço,
Vamos saltar a fogueira.
Tome conta nos espinhos
Quando abraçar a roseira.

UM ZAGAL

À fonte do castanheiro
Antes dos outros chegarem
Vamos refrescar os olhos
Cançados de se mirarem.

OUTRO ZAGAL

Nas poulas de carvalheiras
Tudo é rôlas a rular.
Fossemos nós, fiandeiras,
Linho que heis de delubar.

UMA CEIPEIRINHA

Só já luz a estrela de alva
De tanta estrela do céu.
Bem quere durar a esperança
Depois que um sonho morreu!

UM ZAGALINHO

Deixa lá, estrela de alva!
Ainda um momento há de vir
Em que nas sombras da tarde
Só tu fiques a sorrir.

(Salvam todos as fogueiras. Dançam depois em redor as moças e os moços da herdade).

CÔRO

São João, São João, às solteirinhas
Deixa-as hoje, S. João, casadinhas.

São João, São João, São João,
Às casadas deixa em paz o coração.

Às viúvas, se ainda forem novinhas,
Casadinhas, São João, casadinhas.

(Casa-se, incenso, ao resinoso aroma das estevas, na charneca em flor, a aragem que passa na rama dos altos pinheiros. Brilha a estrela de alva. Os alaúdes gemem amorosamente).

O MATIZ DOS OLHOS

OLHOS azuis são de ruças,
Não são muito de fiar.
Pardos ou verdes enganam,
Os castanhos não teem par.

Ó doces olhos quebrados
«Que fazeis furtos no ar»,
Sois portuguêses, magoados
De o amor vos magoar.

Com olhos negros, cautela!
São olhos para queimar.
É chama que tudo queima,
Não é luz de alumiar.

Mas negros, azuis ou garços,
Quanto me estais a lembrar!...
Ai! inda há de vir quem diga
A côr mais de enfeitiçar.

Loanda, Julho de 1912.

VIRGENS FÁTUAS

VIRGENS que envelheceis longe do amor,
Não vos admiro, não, ó virgens loucas.
Perfumou-vos inutil vossas bôcas
Nectar de vida de ambrosial sabor.

Sois indecisas. Essas horas, poucas,
E encantadas, dum suave e estranho ardor,
Deixastes-las passar, quasi de dor.
Sois imperfeitas, pobres Virgens loucas.

Mais vos valera, em vitoriosas tardes,
A antiga lei do vencedor esperardes,
Das cativas na grei alva e dorida.

Sem aroma e sem graça ides passar,
E não vos brilhará no último olhar
Toda a serena aceitação da vida.

Lahane, Abril de 1910.

MENINA E MOÇA

JÁ deram flor as olaias
Na alameda do jardim.
Amores são novidade,
Esperanças não teem fim.

Quem será uma estrelinha
Que a estrela de alva acompanha!
Sabe-se lá quanta alminha
Vai direita àquela chama.

A ameixa mais miudinha
É a que tem mais sabor.
Bem pequena é a flor da vinha
E em cheiro é mesmo um amor.

O amor é como o sol
Que ao nascer tudo alumia.
Canta à noite o rouxinol,
Mas é saüdade do dia.

Sou colmeiinha encantada.
Lá vem tempo de crestar,
E então numa chamarada
Todo o mel me hão de levar.

Linho do meu enxoval
Vê, todo o fiei e urdi.
Não há fio que não diga
Quanto me lembrei de ti.

Não quero um amor, mas quatro,
Mortinhos por me abraçar,
P'ra me levarem à cova,
Todos por mim a chorar.

Meu amor anda de armada,
À vela, e árvore seca.
Ai triste de mim, coitada,
Ai dele, por Seca e Meca!

CANTIGAS DE MAL DIZER

O poeta é como as abelhas.
Toda a flor a desejar,
E outrem das rosas vermelhas
O fino mel vai provar.

Quanta tristeza de abelhas,
Roseirinhas de toucar,
Sabem, rosinhas vermelhas,
Os cortiços do pomar!

*

Emquanto estás em flor, roseira,
És vida, aroma a arder.
Tens só o espinho da silveira
Se a flor vens a perder.

*

Água batida não apodrece.
Mulher amada nunca se afeia.
Bem dalgum dia bem raro esquece.
Que linda às vezes a mulher feia.

*

Não há mulher que não fique
Linda com o rosto do amor.
É uma mascara encantada
Que esconde os vincos da dor.

VERSO LIONINO

Em todo o coração vela sempre a traição.

*

Já ando a despedir-me
Das minhas saüdades.
É-se sempre mais firme
Nas velhas amizades.

*

Pears's soap, aroma das inglesas, que arde
Nas rosas brancas e nos chupa-méis,
Lembras o banho de alva, a meia tarde
Em Bombaim, nos quartos dos Hoteis.

Pears's soap, da cor da hulha e da penumbra
Dum Whistler crepuscular de *fog* e lua,
És espuma da alvura que deslumbra
Duma suave Inglaterra íntima e nua.

*

Nos Grandes Armazens é tudo *odor di donna*
Em *triple extrait,* perfume brando e morno
De um corpo de mulher que ao amor se abandona,
Cuja beleza nua é todo o róseo adorno.

Luvas e falbalás, sedas, veludos, rendas,
Em vão! Não conseguis furtá-la aos nossos olhos.
Eva de Milo alveja entre as humanas sendas,
Seu perfume persiste em bordados e folhos.

« *Ce compagnon peu sûr* » nos olhos fundos leva
Um sonho inquieto, o ardor dum sonho incompreendido.
Mal o entendemos nós se o desamor entreva
A alma igual do par do Paraiso Perdido.

*

— Mal se acompara à taínha
O fino peixe mulher.
O mau é ter tanta espinha
Que deixa as guelas a arder.

— Põe tudo o mais para o lado,
E prova-o sem mais aquela,
Já não ficas engasgado
Com espinha na guela.

— Isso sim! Olha o confiado!
Isso é bem bom de dizer.
Lá lhe puxa ao mar salgado
Mesmo na braza a mulher.

QUELQUES VIOLETTES

As pobres semi-mortas violetas
Veja que nem perfume elas já têm!
Como são finas, tristes e discretas,
Toda a sua alma como a escondem bem!

Longe dessas mãos pálidas soltaram
O último aroma à vida nova e linda.
Mas a essência mais íntima guardaram.
Ponha-as ao seu calor, soltam-na ainda.

Loanda, Setembro de 1912.

SONHO DE PRIMAVERA

MEU pucarinho de Estremoz tão fino,
Meu frescor da levada, minha rosa
De musgo, perfumada e setinosa,
Lindo riso de amor fresco e argentino!

És como a primavera em flor lá fora,
Como a avenca da fonte do pomar.
És a macieira que de alvor se inflora,
E toda branca e rósea vai noivar.

Se teu riso ficasse sempre rindo,
E a tua alma como hoje perfumada,
Nossa Senhora dos rosais abrindo
Nos orvalhos de eterna madrugada!

Ser velho é ser como árido fraguedo,
Sombra de vida que já nada espera.
Porque não somos nós como o arvoredo,
Ora no inverno e ora em primavera!

Era tão bom envelhecer florindo,
Caír, ainda em flor, no chão em flor,
Ser-se no outono a árvore despindo,
E ao vir da novidade a arder de amor!

Como se há de ter paz no último sono
Com a saudade atroz da primavera,
Se tudo finda em nós num fim de outono,
Se nada mais o nosso inverno espera!

Tourlaville, Normandia, primavera de 1919.

BRASILEIRINHAS DE PARIS

Ao Dr. Manuel de Sousa Pinto

BRASILEIRINHAS de Paris, que maravilha!
Como faz bem ouvir nos chuveiros do Sena
A vossa voz de sol, perfumada e morena,
Tão lindo português de mel e de baunilha!

No louco *Boulevard* ou nos Campos Elísios
Escutar-vos dá luz aos asfaltos e às lamas.
Lembra os Reinos do Mar, a solina, os alisios,
Um Portugal maior de Galiões e de Gamas.

Ó nervoso Paris do acender das luzes,
Da magia dos Cais! (tudo Alma que se adense!...)
Com a tua nevrose e a tua graça seduzes
Sinhá Tèteia, linda e gentil Parisiense.

Mas fala Portugal em sua voz pueril,
E ser-se português não é nenhum desdoiro.
Depois, Tèteia evoca o doirado Brasil,
— Numa infinda esmeralda uma ardente flor de oiro...

Às mezas dos Hoteis, nos Teatros, nas *Terrasses,*
Que encantamento ouvir nossa língua cantando!
Bemditas sejais vós, Yaiás de riso brando,
Tèteias de formosa e trigueirinha face!

Paris, Abril de 1919.

CHRISTMAS SONG

Ao maravilhoso Pintor aguarelista Alberto Souza

KHAKI GIRLS, tão branquinhas como a neve,
Olhos de mar, do céu de neve leve...

Khaki girls, cai neve em malmequeres...
Talvez *Santa Claus* vos faz pé de alferes.

Khaki girls, segue-as vossa irmã a neve.
Por estradas, dunas, voa leve, leve!...

Khaki girls, a *Ordem* diz: O coração
Será mais duro que a neve do chão.

Khaki girls, a neve esvoaça, esvoaça... A neve
É como o *flirt* em vossas almas, leve...

Wimereux, Janeiro de 1919.

KINDER LIED

Para os 7 anos de Alfredinha Keil, a neta do grande pintor e músico da «Portuguesa»

NUM grande rio que é o Padre Reno
Há muitas fadasinhas no nevoeiro,
Madeixas loiras como um loiro feno,
Olhar de céu e risinho palreiro.

Umas vogam ao luar à flor das águas.
Outras são pequeninas flores azuis.
Querem outras sentir humanas máguas,
Em noites de lua cris, ou ventos suis.

E aparecem às vezes entre a gente,
Como a Alfredinha apareceu um dia.
São as mais boasinhas certamente,
Porque ser gente é bem pouca valia.

Sofre-se tanto! E as pobres mamãsinhas,
Que trabalhos! E os pais? Quanto cuidado!
Mas são tão boas essas Alfredinhas
Que se dá tudo por bem empregado.

Mas cautela, cautela! O Padre Reno,
Que tambem gosta das suas meninas,
Franze um nevoeiro muito pouco ameno,
Se são teimosas e se fazem finas.

Porque diz êle: « Se uma Fada tem
A fantasia de não ser só Fada,
Quero que na alma guarde sempre bem
Saüdade e amor da sua terra encantada.

—Terra de tudo o que se sonha lindo,
Graça das fontes e das orvalhadas,
Musgos, neblina, o grande céu infindo...
Numa palavra o Reino azul das Fadas.

E, menina, há de ser tão boasinha
Que todos fiquem a morrer por ela,
E digam: Lembra mesmo uma estrelinha.
E, filha-flor, dirão: Tão alta estrela!

Senão, faço-lhe a bôca muito feia,
Como a das rãs e os peixes cabeçudos,
Cara gorducha como a lua cheia,
Ar desazado como os patos mudos...»

¿... E se é das boas Fadas a Alfredinha?...
Coitada! Guarde bem o seu segredo.
Que neste duro mundo mete medo
Ter de ser linda e sempre boasinha.

AS COMENDADEIRAS AMARELAS

... Y los coros musicales de la noche
No callaban, no callaban, no callaban...

GABRIEL Y GALAN.

Á Senhora Comendadeira D. Maria do Carmo de Souza Coutinho (Santa Iria)

FLORDELISADAS Cruzes de São Tiago
Sangram nos mantos das Comendadeiras.
São três. É noite velha. Um vento aziago
Reza como elas longas rezadeiras.

Deslisam leves, passam tão ligeiras
Como sombras de um luar lívido e vago.
Mal seguram as «toalhas» nas caveiras
As franzininhas mortas de ar pressago.

Dorme o Mosteiro. É noite. A eterna reza
Enche todos os claustros de tristeza.
Entram no côro as Donas devagar.

Foram novas e lindas... Nunca amaram,
Ou não foram amadas? Ou ficaram
Pelas almas dos noivos a rezar?!...

Lisboa, mosteiro de Santos-o-Novo, Janeiro de 1920.

REVIVAL

ALMA, desprende as tuas azas de oiro!
Meu sonho, ide mais alto do que os ventos!
Que de existências lembro, por momentos,
Reflexos do passado imorredoiro!

Quanta vez vos amei, ó meu tesoiro,
Minha rosa de Ofir?... Alvos moimentos,
É a Via dos Túmulos... e lentos,
Passamos, sombras, sob o mirto e o loiro.

Juntos vimos lustrais rios sagrados.
Viu-nos um mesmo luar pelos eirados
De marmóreos palácios resplendendo.

Ó Princeza longínqua, altiva e branda,
Eu fui Geoffrè Rudel, e já morrendo,
Beijou-me a vossa bôca, Melisanda!

Novembro 25 — 1921.

VOLER DI CUORE

Que não sabe homem aquela hora
Em que lhe hade vir o amor.

BERNARDIM RIBEIRO — *Eclogas.*

BEM quizera, Senhora, que êste afecto
Não fosse amor, mas límpida amizade,
Sentimento viril, alto e discreto,
De natural renúncia, e de lialdade.

Mas é-se homem! E é pobre humanidade
Esta ânsia de tocar o que é secreto
E adorável, de olhar o que é dilecto,
E é toda a luz da vida e suavidade.

Ah! Senhora, ah! Senhora, a Carmelita
É só na voz de amor da Sulamita
Que com Deus fala de divino amor.

Não falo, não, de amor, mas de exaltada
Ternura da alma pela bem-amada
Alma gentil de mistério e de dor.

Novembro 23, 1921.

SINGRA O MEU BARCO

(De H. Heine, sôbre a tradução de G. Carducci)

SINGRA o meu barco com as velas negras,
Com as velas negras no selvagem mar.
Uma chaga de dores tem meu peito,
Tu te entretens a vê-la bem sangrar.
Teu coração é, como o vento, pérfido,
Sempre p'ra cá, p'ra lá, pronto a girar.
Singra o meu barco com as velas negras,
Com as velas negras no selvagem mar.

A SI MESMO

(Di Giacomo Leopardi)

REPOUSARÁS agora para sempre,
Cançado coração. O último engano
Que eu eterno julguei, morreu. Bem sinto,
Morreu, que em mim de adoráveis enganos
Não só esperança, mas desejo é extinto.
Repousa para sempre. Já bastante
Palpitaste. Não val coisa nenhuma
O teu pulsar, nem de suspiros digna
É a terra. Tédio e amargura é a vida,
E nada, nada mais; é lodo o mundo.
Socega para sempre. Desespera
Pela vez derradeira. O fado ao homem
Não deu mais que o morrer. Pois tu despreza
Agora a natureza, o poderio
Brutal que, oculto, em comum dano impera,
E a infinita vaidade enfim de tudo.

FIM

Alma, em que te fias?
Sôbre que descansas?
Nas azas dos dias
Voão esperanças.

DIOGO BERNARDES — *Endechas.*

MÃOS ebúrneas exangues afiladas,
Mãos de tísica, diáfanas e puras
Mãos para os beijos de desesperadas
Almas sonhando invioladas ternuras.

É o coração longe das mãos das Fadas,
Do odioso amor, de mundanais doçuras.
Beijo-vos grave, suaves mãos geladas,
Só já da luz do Além das sepulturas.

Ah! não lembrar outras mãos de desejo,
Mãos de vida e paixão... Só a vós beijo,
Frágeis franzinas mãos espirituais.

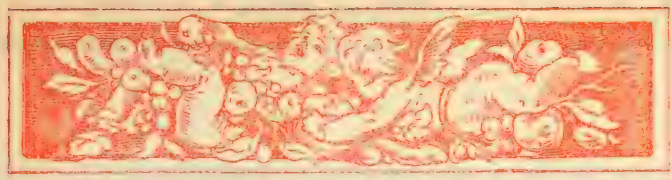
Em vós toda a alma resignada ponho.
Levai-a assim, adormentada, em sonho...
Ah! já não desejar, não sofrer mais!

Lisboa, Fevereiro 14, 1922.

A LÂMPADA VOTIVA

Me caían en la frente doloridos pensamientos
de esta trágica y oculta mansa pena de vivir;
me pasaban en el alma los mortales desalientos
de las pobres almas mudas, fatigadas de sentir.

GABRIEL Y GALÁN.



ANTE O CÉU AUSTRAL

Á grande Sombra de Remy de Gourmont

«Tu duca, tu signore e tu maestro».
La Divina Commedia.

Ó Cruzeiro do Sul, debruçado na orla
Dum negro abismo etéreo!
Ó Canopus! Centauro! ó Sírius! luz de Oríon,
Septêmplice mistério!

Saüdam-te os que vão morrer, Face da Vida!
Fomalhaut, Rigel, Prócion, Aldebaran,
Antárès, Altaïr, Nau, de santelmo ardida,
Ó Sois, que já conteis o nada de amanhã!

Nebulosas que ardeis pela noite bemdita,
Há quanto tempo já nossa dor vai buscar
Vossa velada luz de indif'rença infinita.
E há quanto, quanto já que em balde implora e grita
A humana dor por vós, Vias Lácteas a brilhar!

Céu austral que deslumbra! Em silêncio a minha alma
A vós sobe no olhar,
Mas sem exaltação, como vós, luz tão calma
Da estrela Akhernar!

Astros! apenas sois a fugaz maravilha
Duma réstea fugaz,
Turbilhão que um momento estremece, rebrilha
E logo se desfaz.

Vós tombareis tambem na sombra imensa e vácua
Em espirais de luz, de catástrofe e horror,
E do ígneo tufão a derradeira áscua
Já do homem nem lembra o final estertor!

Sim, do efémero andar do homem sôbre a terra
Nem um vestígio só se imprimirá no chão.
Em vão, homem, em vão, de paixão e de guerra,
Tua alma se agitou no sonho e na ailição.

Em vão subiu aos céus teu trágico lamento,
Por teu orgulho, em vão, andaste a batalhar.
Abafa ao teu queixume o gemido do vento,
Ignora o teu furor a cólera do mar.

Mas quando eu fôr a obscura argila inerte e fria,
Quando outras vidas já o meu corpo animar,
Hão de ainda entreabrir-se o lírio azul do dia
E as magnólias do luar.

Ainda muita vez as folhas do arvoredo
Hão de às brisas de Abril estremecer de amor,
Namorados irão beijar-se entre o balsedo,
E o rouxinol cantar na madresilva em flor.

Juras de ardente amor, sonhando a eternidade,
Ó fremente ilusão das almas a florir,
Como durar o que é uma breve ansiedade!
Como há de eternisar-se o que é apenas sentir!

Pomares que eu amei, floridos, e noivando,
Ó macieiras em flor, primaveras de luz,
Ó nácares da tarde, outono ruivo e brando,
É meu sonho talvez o que em vós me seduz!

Scintilante beleza inconsútil e nova
Do mundo a resplender de enigmática esp'rança,
Nem uma sombra és para o morto na cova!
De tudo o que se amou nem fica a relembrança.

É-se, um instante só, reflexo que a torrente
Um momento balança ao rés do torvelinho.
A vaza espelha a luz, e passa indiferente,
Humo que era uma flor, armo que já foi ninho.

Embora! Reflecti, efémero que passa,
Ó estrela Akhernar, tua divina luz,
E a sangrar e a morrer, minha alma já tão lassa,
Prende-se obscuramente às estrelas da Cruz.

REFLORIR

Á C.

DE amores perfeitos e violetas bravas
As dunas de Ambleteuse estão em flor.
Mancha, inda ontem de fúria trovejavas,
E hoje na bruma és já toda verdor!

Só tu, ó terra, eternamente nova,
Passas da neve à flor da primavera.
Mortos da guerra, se na infinda cova,
Fôsseis semente que já seara espera!

Mortos da guerra, em vosso atroz martírio,
Vejo-vos todos sangue ressurgir...
E é cada chaga um arroxeado lírio...
Mortos em flor, mas para em vão florir!

Ambleteuse (Pas de Calais), primavera de 1919.

ELEGIA DOS MATALOTES

Ver sacrum!

Ao grande Pintor Sr. Luciano Freire

JÁ tão longe o fulgor das estrêlas austrais,
E no nácar da noite o Pacífico ardendo!...
Recordo o vosso aroma, ó vergeis coloniais,
Ó sombras do arecal a jasmins rescendendo!

Outrora, já morrendo, ao Campo de Santa Ana,
O Trinca-Fortes ia os olhos alongar,
E na espraiada luz do vesperal hossana
Via florir ao longe o verdor do palmar...

Anos de mocidade, e paixão, e esperança,
Dispersos pelo mundo em bulcões e escarcéus,
Surgem, máscaras de oiro, a esta luz da lembrança,
E, espectros já da noite, esfumam-se nos céus!

Ó Costa do Castelo, ó velho Adro da Graça,
Ó alto, que jamais o Encoberto vê vir,
Por vós, montes, à tarde um fogo rubro passa,
De saüdade, de glória e de Alcácer Kibir.

Do maior ao menor da gente portuguesa
Passa há muito êste ardor de alto sonho e de máguas.
Portugal é pequeno, e é toda a redondesa
Do vasto mundo ardente e a imensidão das águas.

Ó montes de Lisboa em que se avista o mundo,
Mal haja quem vos poz tão ásperos de saüdade!
Rio Tejo, que és como os mares profundo,
Porque não afundaste os Galeões da ansiedade!

Se não era melhor na humilde paz bucólica
Portugal moirejar por seu pão e abastança!
Sidónio, para quê? nossa alma melancólica,
Feita de claro anseio e de inútil esperança!

Somos nós o estrangeiro, ou é êle que assenta
Seu sanguinário aduar no chão da nossa aldeia!?
Era amorosa a gente, e hoje é apenas violenta.
Pinhal de El-Rei, é de ódio a tua voz de sereia.

Ó alma de Cesário, encantadora hética,
Tua airosa Lisboa é trágica e fadista.
Erra, Antero, nos céus a tua voz profética.
Alma irónica de Eça, hoje Acácio é extremista.

Já não nos prende o Lar antigo à terra antiga.
Nosso destino é só saüdades espalhar.
Há sempre pelo mundo alguma sombra amiga.
Partir! Mesmo na *Nau Catrineta* emigrar!

Lisboa, Natal de 1919.

NOITE DE CRIME

Á Senhora condessa de Ficalho

A sombra ulula, o vento geme
Na rasa noite do *Artois*...
Grave, a alma dos mortos freme,
Todos da lama erguem-se já!

Ulula um grito de desgraça,
Grito de crime, ai de estertor...
A sombra ulula, o vento passa
Pela noite de morte e horror!...

Alguem no escuro é assassinado,
Alguma pátria morre já...
Chôro, tumulto, o vento irado
Na rasa noite do *Artois*...

Roquetoire (Aire-sur-la Lys), Dezembro 14, 1918,
quási à meia noite.

AS VÍTIMAS

ALUMIADAS morrendo em parto,
Tisicasinhas quási a morrer,
Vítimas suaves, a sós no quarto,
Quando já is o seio perder,

•

Vosso martírio como enternece,
Quanto comove ver-vos sorrir!
Que ânsia de vida na vossa prece,
Que balda esperança na alma a florir!

A febresinha que vos exalta,
Ó moribundas sorrindo à dor,
Dá-vos da vida ilusão mais alta,
Ao vosso sonho um maior fervor.

Lindas e tristes, sempre esperando,
Ainda vos era a vida prazer.
Unhas polidas, sorriso brando,
Mal-resignadas ides morrer...

Seio amputado, pulmão desfeito,
Sangue de febre sem estancar...
Mortas! no longo caixão estreito
Baixinho estais ainda a chorar.

Lisboa, Março 8 1923.

AVE-MARIAS

Á Senhora condessa da Castanheira

CORREM os sinos, são Ave-Marias.
É um soluço da luz a esmorecer,
É a sombra que passa... Ó agonias
Do coração do dia ainda a bater!

Quizera ouvir-vos nos estremos dias
Da minha vida para bem morrer,
Ó badaladas das Ave-Marias,
Azas brancas na sombra a estremecer.

Viria vêr-me agonisar, sorrindo,
A minha mãe, e com um modo lindo
De vèlhinha que ao filho há tanto espera,

Dir-me ia que morrer é quási nada,
E que na infinda noite constelada
É tudo sol, eterna primavera.

Lisboa, Natal de 1919.

JARDINS DA GUERRA

Á Sr.ª D. Maria Madalena de Martel Patricio

AMIENS... Cruzinhas pelo campo fora...
O combóio ala entre esta flor agora.

Flores da guerra, jardinsinhos pretos
De soldados mortos que estão esqueletos...

Sua mocidade erra já no ar,
Flor de primavera, cruzes par a par.

É ridente a morte nos jardins da guerra.
Almas de rapazes, que já nada aterra!

Esqueletos novos todos tão risonhos
De ao menos a noite já não ter maus sonhos.

O combóio «cava» pelo campo fora.
Cruzes, cruzes negras, é a flor de agora...

Lindo abril de França, liriosinhos pretos
São a flor que rompe sôbre os esqueletos.

Cherbourg, primavera de 1919.

REQUIEM

CHUVA do outono, vento do outono,
Bem devagar!
Remoínham fôlhas ao abandono,
Vão já dormir o último sono,
Vão já passar.

Que bem se deve dormir no estreito
Leito da morte!
Tudo passado, tudo desfeito,
E enclavinhadas as mãos no peito,
Sem dor bem forte...

Prende-os apenas pura saüdade
Dos que os amaram.
É noite, infinda serenidade...
Dormem os mortos na soledade
Em que os deixaram...

Vento do outono, mais lento embala
Mortos dormindo!
Voam as fôlhas... Já nada fala
Da vida aos mortos... Suspira, cala,
Chuva caindo.

Lisboa, Novembro de 1922.

ESPARSAS DE UM SONHO MORTO

> Quem diz que o chorar descansa
> he de ter pouco chorado.
>
> CRISTÓVÃO FALCÃO — *Trovas de Crisfal.*

Vi o Paraiso um dia,
E perdi-o, por meu mal!
(Ou por meu bem?...) Quem diria
Que o Paraiso veria
Ainda na vida mortal!

Foi de existência anterior,
Que nem sempre a morte acalma,
Entrevisão, ou de amor
Uma ilusão, a maior
Que possa nascer na alma?

Vi o Paraiso, vi-o,
Ardente sonho desperto!
Ai! num momento perdi-o,
E desde então tudo é frio,
Tudo é árido deserto.

Tão tarde me apareceu,
E tão cedo evanescido,
Aquele sonho do céu!
Sonho, que logo morreu,
Do Paraiso perdido.

Lisboa, Maio 25, 1922.

AOS SOLDADOS MORTOS

«E estes de que falo são os que acabarão na India os mais dos feitos que nella se cometerão».

DIOGO DE COUTO — *Decada VII, Liv. decimo.*

MEU soldadinho do C. E. P.,
Tu foste à guerra, meu Zé Povinho,
Tu foste à guerra sem saber porquê.
Chegaste triste como o gado à feira.
E espavoridamente,
Entanguido no lôdo da trincheira,
Ante teus olhos doces de boisinho
Abriu-se o matadoiro de repente...
Retroava a noite, uivava, estremecia a terra,
Um imenso clarão trovejava, um rasgar
Contínuo de trovões... Era a guerra, era a guerra,
A visão infernal do mundo a desabar,
A terrível visão!...

E resignadamente,
Meu Dom Sebastião!
Aceitaste morrer, e morrer devagar.

Cemitério de Ambleteuse, Dezembro de 1918.

SORELLA MORTE

FINOU-SE quando a vinha virgem arde
Na febre do seu sangue,
E erra do outono na espelhada tarde
A última graça exangue.

Brilha sinistramente o céu de inverno
Esplêndido e gelado!
Sono aparentemente doce e eterno
Do ser inanimado...

Ai! aparência apenas, porque a neve
Floral das mãos de infanta
É, cor de cera, ainda linda, mas breve...
Tudo na morte espanta.

Alguns momentos mais, e nada humano
No cadáver persiste,
Nada, do esvelto porte soberano,
E suave riso triste!

A esta hora já no féretro encerrada
Tudo a aparta da vida,
Da vida, que ela amava, iluminada
De amizade sentida.

Ah! pobre alma do homem, só crueldade
Te é a vida, e quebranto.
Viver, é ter-se apenas mais saüdade
Em maior Campo-santo.

Que importa que a floresta reverdeça
Se a folhagem que cai
Foi todo um frémito de vida, e à pressa
Ao grande Oblívio vai!

Mas... — coração pressago?!... ou maravilha
De imortal ilusão?!... —
Vejo-a erguer, forma vaga que rebrilha,
O metal do caixão...

É ela! ela! — ou verdade, ou miragem... —
Ela, pálida e calma.
Sorri, de novo é viva a airosa imagem
Aos olhos da minha alma!

Vigília de 13-14 de Outubro, 1922.

PERHAPS TO DREAM...

Á Sr.ª D. Maria Fernandes Costa, a filha-Antigone do Poeta de «O Eterno Feminino»

JÁ em Janeiro a flor da amendoeira
É a última neve aqui no Sul.
E em meado do mês de Fevereiro
O frouxel da florinha do salgueiro
É o prenúncio da quadra sempre azul.

Eterna primavera da esperança
Sempre te exalta, pobre coração!
É como a terra a alma, não descansa.
Duma ilusão a outra se abalança
Até chegar a última ilusão.

Sonho, mas que é senão um sonho a vida,
E a paz da morte um sonho ainda maior!
Esta ânsia do desejo indefinida,
Que pode ser senão a pressentida
Ante-manhã dum mundo todo amor!

Terra, exulta na luz da primavera.
Alma, acendra a uma chama de paixão.
Tudo nos diz eternamente: Espera!
Dos vergeis imortais duma outra esfera
Há uma rosa a sangrar no coração.

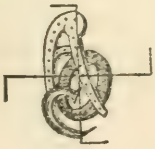
Lisboa, Fevereiro 20, 1922.

POSLÚDIO

DOS meus sonhos o ordume redoirado
Por meu sangue passei.
Nesse sumptuoso e fúnebre brocado
Meu ser amortalhei.

E que resta dos fastos no moimento?
Tudo os dias consomem.
Nem um eco sequer do teu lamento,
Pobre coração de homem.

Lisboa, Janeiro 24, 1923.



Glossário de termos luso-orientais e estrangeiros

Açoca. Linda flor cor de laranja da leguminosa cesalpínea da Índia *Saraca indica* Linn. ou *Jonesia asoka* Roxb., a que chamávamos outrora *flor do diabo*, provavelmente por ser oferecida aos ídolos hindus.

Aglaia odorata, meliácea da China, chamada em português de Macau *Mutre*.

Águila. Traduzi *águila* o arómata *aloes* do texto latino do Cântico dos Cânticos. É o «pao cheiroso» de que fala Camões, usado como incenso, ou como sândalo de queimar. V. Conde de Ficalho, notas aos *Colóquios dos Simples e Drogas* de Garcia da Orta, e Mons. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*.

Alfena. Velho nome português do Hené, *al hinna*, em árabe, o *Cyprus* do Cântico dos Cânticos. O hené prepara-se com as fôlhas da *Lawsonia alba*, litrariácea, grupo das Salicariáceas. Das flores pequenas e brancas, em cimos axilares, corimbiformes, extrai-se um perfume suavíssimo e penetrante. Os israelitas chamavam *ha copher* à essência de Lawsonia, que se preparava no Egito desde a mais alta antiguidade. Plínio dá-lhe o nome de *Cyprinum*.

Das fôlhas frescas da Lawsonia, reduzidas a pó, e feitas em pasta com água de cal, obtem-se uma bela cor de laranja com que os índios, árabes e outros povos orientais, tingem a palma das mãos, pálpebras, as unhas dos pés e das mãos, as barbas (muçulmanos). Já as unhas das múmias egícias eram tintas de hené ou

alfena, *alfenadas*. O Sr. Dr. Cândido de Figueiredo diz que a Alfena é o *Ligustrum vulgare*, uma oleácea, o que não é exato. Tambem Renan traduz *troène*, nome francês do ligustro.

Será incrível que a Lawsonia, que deixou o seu nome arábico no léxico português, e que está espalhada por todo o norte da África, como pela Ásia Menor, Arábia, Pérsia e Extremo-Oriente, não haja ficado sub-espontânea em algum rincão do nosso Algarve.

Almaizal. Grande véu branco das moiras. No léxico português ficaram as formas *almeizar* ou *almiazar* — toalha moirisca usada nas mesas de alguns antigos reis de Portugal, segundo o Dr. Cândido de Figueiredo.

Almeixar ou **Almanxar.** Lugar onde no Algarve se secam figos. Lugar de guardar fruta.

Apsarás. Ninfas da mitologia indiana. Do sânscrito *ap* — água, e *sara* — movente.

Arvalem. Formosa cascata de Goa nos montes de Sanquelim, perto do pagode do mesmo nome, e dum antiquíssimo eremitério subterrâneo, onde se venera ainda o *lingam* e a *yóni*. O sítio é de estranha e sobrehumana beleza.

Árvore triste. Velho nome luso-indiano da lindíssima jasminácea *Nyctanthes arbor tristis*, a sagrada *Parijátaca*. *Furabordão*, em português de Macau.

Logo que se cerra a noite, as pequenas flores a metade alaranjadas e a metade brancas abrem-se, exalando um aroma extremamente suave, e caem antes de nascer o sol. Garcia da Orta conta gentilmente a lenda indiana desta estranha arvoresinha.

Attar. Do persa *'atara*, aroma suave. «*Atar-gul*», essência de rosas. Nas Índias orientais *attar* é um termo geral para os óleos essenciais de flores.

Bi. Bibi. Em hindustâni e persa Bibi quere dizer Senhora, princesa muçulmana. Bi é terminação respeitosa, contracção de Bibi, dos nomes de damas. Bibi Miriam ou Miriam-Bi. Nur-bi, como que Dona Luz.

Bicho-cobra. Usei uma forma mais portuguesa de Goa da palavra luso-indiana *Biscobra,* do hindustâni *biskoprã.* Um lacertídio da Índia, que passa por terrivelmente venenoso e malfazejo, não sei se com razão, se por mera superstição. É o *Varanus Dracœna.*

Bilimbim. As lindas arvoresinhas *Averrhoa bilimbi* Linn., cujas flores muito cheirosas, de um matiz arroxado, nascem e frutifi-cam na grossura do tronco. O fruto acídulo desta oxalidácea usa-se na Índia e na Insulíndia para o tempêro do caril, em achares e em compota.

Bicuni. Monja budista. Do páli *bhikkhuni* e sânscrito *bhi-ksunì,* segundo Monsenhor Dalgado.

Boro-Búdur. Grandioso pagode hindu, em ruínas, de Java, da mesma grande corrente migratória bramânica dos séculos IX a XIII, de refinada civilização, que ergueu em Camboja o maravilhoso Baion, os pagodes khmeres de Angkor, se espraiou ao longo do Pegu, da Malaia, de Çamatra e de Java, e ainda persiste religiosamente na ilha de Báli.

O templo de Boro-Búdur é situado na província javanesa de Kedu, residência de Maguelang, na confluência dos rios de Elo e Prago, e eleva-se como um gigantesco sino de granito, poderosa-mente insculpido e avultado de ídolos, sôbre uma eminência regular em meio dum grande vale circular, viridentíssimo, como toda a para-disíaca terra javanesa, que lhe serve de cintura. E em torno, por horizontes, os cumes altíssimos de sete vulcões meio adormecidos, que por vezes reacordam. V. Louis de Becker, *L'Archipel indien,* Mr. Antoine Cabaton, *Les Indes Néerlandaises,* Dr. Groneman, *Tjandi Bárá Boedoer,* Conde de Beauvoir, *Java, Siam, Canton,* etc.

Bulbul. Nome persa do rouxinol, e que na Índia é dado ao *Lanius boulboul* Lath., de que há variedades, de canto muito doce. O bulbul e o *môruôni* são a melodia das espessuras, dos palmares e arecais de Goa.

Caia. Nome luso-macaista e luso-timorês do mosquiteiro. Palavra de origem japonesa, já registada no Dicionário do Dr. Cândido de Figueiredo.

Camboja. *Camboja* ou *Kembodja* em malaio, *Sembodjo* em javanês, em português de Goa *Champó* ou *Flor de Santo António*, em luso-macaista *Flor de São João*.

A *Plumeria* ou *Plumieria acutifolia*, apocinácea de lindas e perfumadas flores pálidas e fundo amarelo claro. É a árvore consagrada a todos os cemitérios indígenas da Insulíndia.

Extrai-se da flor o perfume de Frangipani.

Cavar. Verbo do calão português de hoje, por fugir. Ouvia-se muito no C. E. P., aos soldados, e nas *messes*.

Champaca. As pequenas flores amarelas, extremamente aromáticas, da magnoliácea *Michelia champaka*. Muito estimadas para grinaldas pelas chinesas, filipinas, etc.

Chôlí. Curto corpete de setim, ordinariamente escarlate, das mulheres indianas, deixando nu o corpo desde a raiz do seio à cintura. Há a forma *chóle* ou *chól*. Em coucani *tçôli*, sânscrito *chôli*.

Cris. Do malaio e javanês *kriss*. Punhal malaio, de forma ordinariamente ondulada ou serpentina, em geral hervado. Tem uma alma, na superstição animista malaio-javanesa, e que por vezes se exteriorisa para defender o dono.

Coracora. Barca malaia de cabotagem.

Coronaria. Nome hispano-filipino da linda scitamínea *Hedychium coronarium,* de flores alvas e leves como borboletas. Brotam pelas ribeiras das montanhas das ilhas malaias, nos altos vales da Índia. *Gandasóli,* em malaio.

Dalaga. Menina, douzela filipina, como *señorita.*

Dêvi (forma feminina), **Deva** (forma masculina). Os deuses e as deusas do hinduïsmo.

Dó. Biôco ou rebuço das damas macaïstas, ainda usado para as missas primeiras. Tambem chamado em Macau *tudum,* do malaio *tudung,* véu, bioco. Segundo o *Glossário* de Monsenhor Dalgado, dó vem da palavra chinesa *teu,* véu.

Dude Sagor. De *dudh,* leite, *sàgâr,* mar, em concani. Nome da formosa queda de água dos Gates portugueses, cêrca da estação do mesmo nome, no caminho de ferro de Mormugão a Castle Rock.

Estrimos. Nome luso-timorês, talvez luso-malaquês, das contas, em dois hemisférios ocos, de filigrana de oiro, contendo uma bola de âmbar-gris ou âmbar cinzento, e de que se formam lindos colares das mulheres malaias, desde Malaca às Molucas. O perfume do âmbar aviva-se ao calor do colo. O Padre Manuel Bernardes na sua objurgatória contra os donaires femininos distingue bem o alambre, ou resina fossil amarela, de que se fazem contas e boquilhas, do âmbar, substância rescendente, que é uma concreção intestinal dos cachalotes.

Filhas-flores. Camilo Castelo Branco explicou na *Brasileira de Prazins,* creio, esta gentil expressão do Minho, que designa as donzelas-arminhos da família, as filhas puras da casa, sizudas e impecáveis, graves e próvidas.

Frio-frio. Gelea chinesa, que se vende pelas ruas de Macau

como refresco, e é feita dos figos da *Ficus stipulata* ou *pumila*. Há outro *frio-frio*, escuro, feito de certas algas marinhas.

Gazal ou **Ghazel**, poema árabe, persa, hindustâni, muito curto, quinze versos quando muito, monorrímico, com excepção do primeiro verso, cujos hemistíquios rimam. Admite uma grande variedade de metros, mas uma vez fixada a medida do primeiro verso, fica achada a dos seguintes. V. Adolphe Thalasso, *Anthologie de l'Amour Asiatique*.

Gracianos. Os frades agostinhos, cujo convento de Nossa Senhora da Graça era fronteiro ao convento de agostinhas de Santa Mónica de Goa. «Nossos belos Gracianos», lhes chama uma *lôa* das freiras de Santa Mónica, em um cancioneiro manuscrito do século XVIII que tive à mão em Goa.

Hacopher. Nome hebraico do perfume da *Lawsonia*. V. Alfena.

Ilan-ilan. Transliteração hispano-filipina do nome malaio da *Cananga odorata* Roxb., ou *Unona odorata* Dun., tambem chamada em malaio *kanang*, bela anonácea de cujas flores amarelas se extrái no Extremo-Oriente o perfume de cananga ou *alanguilan* (ylang-ylang), perfume forte e penetrante análogo ao dos narcisos, e o chamado óleo de Macássar, ou *Bôri-bôri* das Molucas.

Jaca barica. Há *jacas báricas*, de bagos de uma aromática polpa consistente, e *jacas geriçais*, de polpa mole e glutinosa, menos apreciadas pelos europeus. O enorme fruto da árvore *Artocarpus integrifolia*, e (?) da *A. polyphema*. A «Árvore do pão» do Arquipélago indiano e dos arquipélagos do Pacífico é o *Artocarpus incisa*.

Kai-kai. Poema japonês composto de três versos, sem rima (dois versos de 5 pés e um de 7). V. Ad. Thalasso, *Anthol. de l'Amour Asiatique*.

Kamá. O amor indiano, esposo de Râti, a Voluptuosidade. Usa cinco frechas, cada uma delas armada de uma flor.

Ka-mian. Nome tagalo da linda scitamínea *Hedychium coronarium*. V. *Coronaria*.

Khaki girls. Eram assim chamadas no exército britânico do *Front* as raparigas inglesas dos serviços auxiliares da guerra. Tinham a graduação de praças de *pret*, não podendo assim acamaradar com os oficiais portugueses, «*cuja influência amorosa*», dizia gravemente uma nota britânica de serviço do E. M., era de resto temível. Pobres *Khaki girls*, se surpreendidas em inocente colóquio, entre dois canhonheios ou à lumieira de dois *very lights*, com os nossos oficiais do *Front!*

Kembodja. V. *Camboja*.

Lacxmi. A deusa hindu Lakxmi ou Çri, esposa de Vixnu. «Quando êle era Ramã, era ela Sitá, quando foi Crixna, foi ela Rucmini». Mãe de Kamá, deus do amor.

Launim. Forma luso-goesa do marata *làvni*, que os ingleses transliteram *làvani*. Canções de amor, que costumam cantar as bailadeiras. Usei propositadamente só de rimas agudas.

Lorchas. Embarcações mercantes e de pesca do mar largo da costa de Macau.

Luzeiro. Nome luso-goês dos candieiros de azeite de coco, de azeite de rícino, ou de petróleo.

Maharajá. Monsenhor Dalgado diz Maharraja, Soberano, Imperador. Do sânscrito *Mahârâjá*, grande rei.

Malcuradas e fernandinas. Nomes das duas mais afa-

madas qualidades das variadas mangas de Goa, e atribuidas á pomicultura dos Jesuitas. Tambem se escreve *Malcorada.*

Mangustão. O fruto, delicioso entre todos os frutos, da *Garcinia mangostana,* árvore propriamente da Malaia. Nos arredores encantados de Singapura o verdor de laca dos pomares seguidos de mangustão, brotando dum solo escarlate em châma!

Mathabana. Na *History of the Parsis* de Dosabhai Framji Karaka, a *Mathabana* é definida «a thin cloth of white linen of the sizes of a small handkerchief. ... This has also come to be regarded as a token of feminine modesty».

Vai longe o tempo em que as damas parsanas escondiam rigorosamente o seu formoso cabelo negro ou castanho-claro sob o alvo linho da *Mathabana.* Mas ainda fóra de Bombaim êsse toucado alveja sob a ponta lançada à cabeça dos lindos *saris* de seda, de tons de aguarelas pálidas, que usam as parsanas, dando-lhes um ar de monjasinhas estranhas do culto puro do Fogo.

Mogarim. Nome luso-indiano da flor do *Jasminum Sambac* e do *J. grandiflorum,* o chamado Jasmim da Arábia. No Brasil ficou a forma bogari. Na paradisíaca ilha de Pulo Weh, na costa do nosso velho inimigo Achem, colhi um ramo de jasmins bravos, que tinham o perfume dos damascos mais que o dos jasmins. *Meláti,* em malaio.

Como eu amei as flores coloniais! A terrível memória dos aromas! Um leve fumo de benjoim, e logo aos meus olhos ressurge, animada, linda, graciosa, a quotidiana mascarada da rua maior de Damão Pequeno ao cerrer-se a noite, desde o escuro areal do Damâne Gangá até à Horta rescendente, à moda persa de ciprestes e rosas, de Sohrabji Manekji. Há perfumes de flores que ficaram tenazmente, inextinguivelmente, vivos e frescos, na minha alma, presos para sempre à visão de certos cantos muito longínquos do mundo. Não me lembram córregos e arroios luminosos da ilha verde e vermelha de Timor, onde passam rápidas, como arremessados crizes de esmeralda, as cobras *Trimesurus,* onde canta misteriosa, maravilhosa-

mente o *cortili*, a *ave das almas*, sem que logo se não desprenda o aroma das orquídeas *Vanda*, das meudinhas, ocultas Pergularias, sòbre tudo o da *Hiptage Madablota*, a *Fula Dom Jorge*, como lhe chamavam outrora as fidalguinhas de Goa e Bassaim; e em alvoradas de nácar das primaveras austrais, no resplandecente silêncio do Vale de Lahâne, dominando o próprio perfume das Canangas, invadindo-me a casa subitamente, o aroma tresdobrado a giestas amarelas dos pau-rosas em flor; e nos outeiros e palmares de Goa, nos tamarais do Guzerate, o aroma dos cajueiros e dos tamarindos, dos *nag-champós*, e dos pândanos, dos vonvoleiros e dos *quisquális*, das surungãs e dos mogarins; e nas ruínas de Goa-Morta, em um dia de luto, o florir suave da apocinácea trepadeira *Ichnocarpus frutescens*, o *dudhi* da Índia, sentido, anos após, de novo, numa espessura de Timor; e certas amareladas Daturas de África, à noite desabrochadas; e nas pairantes montanhas pálidas da Chéla, na África austral, o arómata precioso das grandes Gardénias arbóreas...

Minha glória ou vanglória é ter deixado o meu nome a um formoso feto herbaceo das ilhas Malaias, espécie nova. *Dictyopteris De Castroi* lhe chamaram os sábios botânicos do *s' Lands Plantentuin* de Buitenzorg, em recompensa das herborisações que em Timor fiz para o ilustre Dr. Treub e para o seu eminente sucessor Sr. Dr. Gobius. Em todo o mundo é Portugal. Há em inglês e holandês nomes vulgares de flores tropicais que são a tradução à letra de denominações imaginosas que lhes davam as donas luso-indianas do século XVI, exemplo os *Corações-feridos (Clerodendron Thonsonae)*, que em Java se chamam igualmente *Gebroken hartjes*, e em Singapura *Broken hearts*. Até mesmo as nomenclaturas sábias dos botânicos. É ver-se o nome antigo luso-goês da linda trepadeira *Clitoria ternatea*, de flores de um azul admirável. "*Ce nom m'a charmé*...„ — escreveu-me Jean de Gourmont.

Se um engenheiro holandês me afirmou, uma tarde, em Surabaia, que no arquipélago de Merguí, na costa do Tenasserim, havia conversado lindas damas portuguesas! Portuguesas em Merguí! Quem de nós outros o suspeitaria? Restos certamente da nossa gente de Malaca.

Flores da Índia, de Timor, da China, das Filipinas, da África, que amei! Até eu morrer o vosso perfume em meus sentidos viverá.

Franzinos *Zephyranthes* cor de rosa
Dos conventos orientais,
Roxa *Duranta* lânguida e nervosa,
O crioulas Plumieras, olorosa,
Mística alvura dos jasmins claustrais!
De rosas-chás, *corações-feridos,*
Fuchsias sangrando,
No altar-mor os Santos floridos,
Todos floridos, de oiro vestidos,
Estão scismando...
Scisma rezando, nem ergue os olhos,
Nem ergue os olhos, Madre Vannina...
. . . . . .
Toda a capela rescende a crinos
E a benjoim.
Passam as horas silenciosas.
Caem de leve fôlhas de rosas.
Empalidecem os festões finos
De mogarim...
. . . . . .

*

* *

Sim, hoje todo o mundo é Portugal. E que espalhadas pelo mundo as saudades portuguesas!

Envolveu-me, anos dilatados, o sortilégio doce e terrível de Goa-Morta, amortalhada em quisquális e jasmins, ensanguentada de ixoras e de punas em flor. Porventura pisei, colhendo crinos, na *ilha do Fogo,* as ruínas da casa de Barbora escrava, a bailadeira. Ali algum dia bateram as azas do Ritmo as divinas estâncias do Poema.

Pelo vasto mundo resplandecente segui quási todo o roteiro aventuroso do Barbi-ruivo. Vi Ceuta, e o áspero e duro Espartel, trovejante como os leões dos cêrros de Tetuão; vi a eléctrica névoa candente do golfo da Guiné, rasgada de relâmpagos, intumescendo em trombas; e a imensa desolação da costa de África, fugindo para o sul gélido, lá até onde, à beira de um negro abismo sideral, refulgem as cinco chamas orantes do Cruzeiro.

E numa manhã toda de oiro, em meus olhos rebrilhou o nácar

oiro-verde dos outeiros de Malaca, e mais além, uma tarde, o translúcido azul pálido das montanhas annamitas, e os doces recurvos outeiros da China meridional; e mais além, mais além, toda essa luz em flor dos arquipélagos malaios, lavas ardendo em divinos céus de lhâmas e de pedrarias suaves; e por fim as Molucas a vaporarem, na misteriosa lonjura, o aromal *Nepenthes* das suas florestas de cravo e dos seus vergéis paradisíacos de moscadeiras, a cuja sombra ocelada, golpeada de escarlarte, o amor da Dinamene foi porventura a mais bruxa das ternuras humanas.

Mas nunca, nunca, como nos mares grossos e refervidos do Guardafui, mais viva e mais presente avultou aos olhos da minha alma a figura do Barbi-ruivo. Subia do mar com a irradiação da névoa trémula do dia, ia subindo, indefinida e vaga, enchia o frémito do céu inteiro, na baça luz mais alta a sua cabeça, a ensombrar o sol ruivo.

O mar era um esbrazeado metal fundindo, despolido e sem reflexo, a luz do dia estremecia toda, o Guardafui retroava de ondas, de trovões, de tristeza e de ameaças. O Trinca-fortes enchia agora o céu todo, era a luz trémula infinitamente, o entrevisto rebrilho fosco dos arribas de Çacotorá e de Abd-el-Cúria. E a ruiva cabeça do Poeta, coroada de loiros brônzeos, perdia-se no mais alto da indecisa chama palpitante dos céus...

Ó Guardafui! Ó sêco, duro, estéril monte da sua tristeza, pairante melancolia de águia mal-ferida, animando a fremente miragem dos desertos, das solidões, dos céus e das ondas, ó voz do Guardafui, de cachões e tempestade, de tumulto e de sorvedoiro, de desgraça e de relembranças, ó voz de Camões trovejando na miragem:

> Não tinha parte donde se deitasse,
> Nem esperança alguma, onde a cabeça
> Um pouco reclinasse por descanço;
> Tudo dor lhe era e causa, que padeça,
> Mas que pereça, não, porque passasse
> O que quis o destino nunca manso.
> Oh! que êste irado mar gemendo amanso!

Todo o mundo é cheio das nossas saudades e das nossas tristezas.

Mógó. Décimo asterisco lunar, que recae em Agosto, mês ainda das chuvas na costa ocidental da Índia. A chuva *amorosa* (*Mógá*, amor) dêste período é considerada na Índia como muito benéfica para as plantas.

Môruôni, ou, como se diz em português de Goa, o *dominico*. *Motacilla indica* Gm., ave de plumagem branca e preta como o hábito dominicano, e canto extremamente melodioso. *Mainã*, em hindustâni. E desta palavra virá a outra designação luso-portuguesa indicada por Monsenhor Dalgado, o *Mainato*. Môruôní é a transliteração português do nome dêste pássaro em concani, língua de Goa: *Moddvoni*.

Moscada. *Myristica fragrans* Houtt., ou *Myristica moschata* Thumb. Formosíssima árvore originária das Molucas, toda ela aromática. O fruto é uma baga carnuda pendente, globulosa ou piriforme, de 5 centímetros de diâmetro, e que ao amadurar se abre em duas valvas, no sentido do comprimento. A semente única que o fruto contém é cercada de um arilo carnudo, laciniado, vermelho brilhante, que no comércio se chama *Maça*. Nada de mais belo no mundo que um pomar de moscadeiras ou um bosque fechado de Cravo da Índia, árvore tambem das Molucas.

Musumé ou **Mussumé.** Menina, rapariga japonesa, como é tão sabido hoje, graças a Loti, a Laícadio Hearn e a Wenceslau de Morais. Fernão Mendes Pinto foi o primeiro de nós outros a aprender à sua custa o que há de risonha e de gentil ironia felina na musumé. É lêr-se o episódio da mercadora de mãos aceadas para comer.

Nardo. Em hespanhol *nardo* é o nome da flor da *Polyanthes tuberosa, tubéreuse* em francês, *angélica* propriamente em português, nome êste na verdade infeliz, porque a confunde com um simples dos hervanários. O nardo da Bíblia deve ser o óleo essencial das raízes da valerianácea da alta Ásia *Nardostachys Jatamansi* Dc., e poderia tambem ser o das raízes da gramínea da Índia *Andropogon nardus*, trazidas por mar de Barigaza para os portos ptolemaicos do Eritreu.

Ainda hoje se extrái na Índia das raízes do *Andropogon nardus* um perfume suavíssimo.

Nelumbo. A ninfeácea *Nelumbo nucifera,* o lodão sagrado. Em sânscrito *Kamala,* em concani *Kamal.* Nas lagoas goesas há vários *lotus,* brancos e vermelhos. Formas portuguesas: lódãos, gólfãos.

Nina-chai. Nome carinhoso dado nas famílias de Macau à menina querida da casa.

Pantum. Pantung. Panton. Pantume. Victor Hugo, nas *Orientais,* foi o primeiro a introduzir êste pequeno poema malaio na poesia europeia. São conhecidos de todos os pantuns de Teófilo Gautier, de Teodoro de Banville e de Leconte de Lisle. No meu livro *Flores de Coral,* escrito na Oceania portuguesa, dei exemplos do pantum ou *selôka* malaio, e outros fiz segundo as regras infinitamente mais complicadas de Leconte de Lisle, — estrofe de quatro versos, tratando os dois últimos de assunto diverso do dos dois primeiros, e repetindo-se palavra a palavra o segundo e o quarto verso da primeira estrofe como primeiro e terceiro verso da segunda, sendo mesmo o primeiro verso repetido como final do poema.

Sous l'arbre où pend la rouge mangue
Dors, les mains derrière le cou.
Le grand python darde sa langue
Du haut des tiges de bambou.

Dors, les mains derrière le cou,
La mousseline autour des hanches.
Du haut des tiges de bambou
Le soleil filtre en larmes blanches.

Segundo os escritores holandêses o pantum ou *selôka* é composto de estanças entoadas alternadamente por duas ou mais pessoas, e apresentam a particularidade do sentido da primeira estrofe continuar sempre na segunda, por meio duma palavra daquela repetida nesta. Em

geral os dois primeiros versos da estrofe de quatro versos em rimas alternadas são simbólicos, com uma ou duas imagens principais. E os dois últimos devem exprimir uma idea moral, sentimental, ou de amor, com referência sempre à alegoria contida nos primeiros versos.

Tal a regra ordinária, porque o mais das vezes não pode reconhecer-se nenhuma ligação entre o princípio e o fim da estrofe.

Sôbre a poesia malaia e javanesa, ver Louis de Backer, *L'Archipel Indien*. Paris. Maisonneuve et C.e. 1874.

Parijátaca. Parijátac. Uma das quatro árvores do Paraiso hindu. V. Árvore triste.

Peri. As Fadas dos poemas e dos contos persas e árabes.

Pipá. O alaúde chinês.

Pitambor. Palavra já entrada no léxico português. Mais exatamente: *pitambâr*, de *pitâ*, amarelo, *ambâr*, vestido, roupagem. O pano de luxo ou de ceremonial das hindus de alta casta.

Pombo verde. Há nas ilhas Malaias uma espécie de pombos de penas de um verde metálico.

Pschent. A dupla coroa imperial dos Faraós, branca do reino do Egito meridional, vermelha do reino do norte. O *ch* tem a pronúncia do *ch* alemão da palavra *ach*.

Racxassas. Demónios ou espíritos malfazejos da mitologia hindu, cujo rei é o terrível Rávana do *Ramáiana*.

Rambutans. Sigo a forma de Eredia, na *Declaração de Malaca*. Lindo fruto vermelho do *Nephelium lappaceum*.

Reimão. O velho nome português da terrível pantera negra de Java e de Çamatra, *Rimau*, em Malaio. Vem a palavra em Fernão

Mendes Pinto pela primeira vez, creio. Um *malaïsmo* ou *jaüismo*. Já aos grandes *gongs* javanêses de *gamelans* guerreiros chama Fernão Mendes, portuguêsmente, «sinos».

Rubai. Rubayet. O *rubai*, ou quadra persa, tem o 1.º, o 2.º e o 4.º versos rimando entre si, e o 3.º verso branco. *Rubayet*, colectânea de rubais, poema em rubais.

Saian, ai qui saian. Estribilho luso-malaio de Macau, de Malaca. *Saiang*. é para os Malaios o que para nós é saudade.

Sampagas. Sampaguitas. Nomes hispano-filipinos dos mogarins e jasmins.

Sansevieras. A *Sanseviera zeylanica*, linda liliácea-asparagínia de fôlhas maculadas ou mosqueadas, dois tons de brouze verde, cachos de flores brancas muito aromáticas. Em Angola há a *Sanseviera guineensis*, do mesmo aspecto. Em hindustâni *Murgabi*, e *Murvamul* em bengali.

Sinhá Teteia. Do tão belo livro de Manuel de Sousa Pinto, *Terra Moça*: «Sinhá Teteia» — e eu conjuguei para a baptisar duas maviosas palavras do seu meigo idioma — é a brasileira, figura de lânguida carícia, sereia da dolente voz. *Sinhá* é a forma brasileira e popular de senhora, e era assim que os escravos, devotos de sua bondade, tratavam suas donas. "*Teteia*" — é o nome infantil dos brinquedos, dos brincos das crianças, passado à linguagem amorosa, ao riquíssimo vocabulário do amor no Brasil, como um acariciativo. Sinhá Teteia que um francês talvez traduzisse *Mademoiselle Bibelot*, parece-me alcunha digna para essa enfeitiçante criatura de meiguice e sortilégio, essa fada dos *quindins*, que é entre todas as filhas de Eva, a mais amada e amante, — a brasileira.

Sirixa. A flor sagrada da *Mimosa sirisa* Roxb., ou *Albizzia Lebbek* Benth., muito usada pelas raparigas indianas em suas grinaldas.

«Como as alegres damas se enfeitam com as flores da sirissa, em cujos estames delicados mal poisam as abelhas!» — diz-se na *Chacuntalá*.

Sôma. Sumo fermentado da *Asclepias ácida* das regiões sub-himalaicas, inebriante e hílariante, usado nos tempos védicos em libações aos Deuses. Hoje é apenas a bebida do não-morrer personificada.

Suras. V. *Asoura*, in *La grande Encyclopédie*. Outro nome dos Devas ou Deuses hindus. Os Asuras foram primitivamente os Deuses, e passaram mais tarde a ser os maus génios ou inimigos dos Deuses. Sura é palavra criada por falsa analogia, pois que Asura foi considerado como o negativo do termo suposto Sura.

Tagalo. Dialecto malaio da ilha de Luçon no arquipélago das Filipinas. Nome dos hispano-malaios dessa maravilhosa ilha. Raça superiormente inteligente e delicada, dum poder de assimilação surpreendente, e que fará falar longamente de si no Extremo-Oriente.

Tankás. Tanká, que significa em japonês *canto*, é um pequeno poema composto invariavelmente de cinco versos, sem rimas. O 1.º e o 3.º dêsses versos são de cinco sílabas ou pés, o 2.º, 4.º e 5.º de sete. Ao todo, trinta e uma sílabas. V. A. Thalasso, *Anthol. de l'Amour Asiatique*.

Tóké ou **Tóqué.** Pequenos geckos da Insulíndia e Indochina, do tamanho dos nossos lagartos, mas sarapintados de tons amarelados, que vivem nas habitações, sendo perfeitamente respeitados pela superstição indígena. O seu canto: *tó-ké, tó-ké, to-ké*... longamente repetido, é uma das primeiras estranhesas de quem entra nas terras malaias. Escrevi em uma nota do meu livro *Flores de Coral*, p. 166: «É de ruim agoiro, sinal de próximo revés da fortuna, desaparecer, deixar de cantar nos forros das habitações, nas dependências da casa, o curioso reptil Gecko, tão amado dos siameses, o *Platydactylus guttu-*

tus, denominado onomatopaicamente *Toké,* que a espaços, desde o cair da tarde, corta com a musiqueta de duas notas da sua voz: tó-ké! repetida algumas vezes em decrescendo, o indefinido silêncio do sol-posto e da noite timoresa, ao de leve esfumado, como que um momento aproximado ondulatoriamente pelo vôo dos grandes morcêgos...»

Trimúrti. Palavra sânscrita que significa tríplice-forma. A trindade indiana, Bramá, Vixnu, Xiva, potência de criação, potência de conservação, potência de destruição do universo, reunidas em um todo.

Vale dos Lirios. Assim se chamava ao jardim claustral das freiras de Santa Mónica de Goa. Há uma obra mística de Tomás A Kempis intitulada *Vallis liliorum,* que deveria ter sugerido o nome. *Hortulus rosarum* é outra obra do hagiógrafo de Santa Lydwina, e presumido autor da *Imitação de Cristo.* V. *Scutum Kempense,* etc. *Colónia Agripina.*

Vaso de estibio. Expressão do Livro de Job. Assim chama Job à terceira filha, *Cornustibii,* na tradução da Vulgata. *Circumlinisti stibio óculos,* lê-se em Ezequiel. Como imaginar a mulher oriental sem o arrebique negro dos pós de antimónio em volta dos olhos resplandecentes? *Non sunt autem inventae mulieres spetiosae sicut filiae Job in universa terra.* Em português antigo chamava-se ao cosmético de sulfureto de antimónio *alcofor.* Conf. a velha palavra hespanhola *alcofol,* do árabe *kohol* ou *Koheúl.*

Vétivér. Nome de origem tamul, vindo através do francês, do *Andropogon muricatus,* gramínea do aspecto da cevada, mas de longas raízes filamentosas amarelas. Das raízes, delicadissimamente aromáticas, fazem-se na Índia ventarolas, esteiras de janelas, etc. Em concanim é *valerum. Khas,* em hindustâni. *Vette-vér,* em tamul.

Yaiá. Nome carinhoso que nas famílias brasileiras é dado à filha, à irmã mais querida da casa.

ERRATAS

Pag. 19 . .	A exaltação de . . .	por:	A exaltação do
» 49 . .	Se comer mel . . .	por:	Se provar mel
» 62 . .	As sentinelas que . .	por:	Ás sentinelas que
» 194 . .	fruitar	por:	afrutar

TÁBUA

I

Os frescos do Intercolúnio e as Figurinas de argila

	Pág.
Eternidade	1
A Esfinge	3
A súplica da múmia	5
O sortilégio da oficiante morta	7
A Hieródula menina	9
Cleópatra	11
Belkiss	13
Festim de Cápua	15
Na Acrópole de Panticapéon	17
A exaltação do coroplasta	19
No Bôro Búdur	21
A noviça	23
Kiriè Kaesar!	25
Petite créole	27
Angkor	29
Templos subterrâneos	31
Alcacer Quibir	33
Semne vixit	35
Campestre	37
Dona Leonor	39

II

O mosaico de nácar

Pág.
Rubayet para Nur Bi de Amèdabad 43
Nigra sum 47
A quadra de Ablá 49
O Cântico dos cânticos 51

III

A Árvore triste

Matinae et Laudes. 89
Launim 91
Canção parsana 93
Pundari 95
Bacawali 105

IV

Os estrimos de âmbar

Canção do mar malaio 123
Straits Idyl 127
Canção javanesa 129
Dalaga 131
Pantum 135
Pantuns malaios 139
Doce sombra irada 141

V

Lacas douradas e verdes

Pág.
Embaixatriz do Oriente 145
Nina Chai 149
Os dezoito tesoiros 153
Paisagem 155
Líricas japonesas 157

VI

O Espelho de Afrodite e a Oferenda de rosas

Balada da primavera 167
Dolora 169
Milagre de Santo António 171
Noite de Santo António 175
Balada do eterno amor 179
Cigarrinhas beirãs 181
Revoada 185
Melodia do outono 187
Elegia da Raínha Santa 189
Águas de Abril. 193
Edelweiss 195
Nunca mais 197
Despedidas do C. E. P. 199
Pantum das perlas e do amor 205
Cantar de amigo 207
Estanças 209
Epitalámio das Irmãsinhas 211
Canção de Iria, a coitada 213
Lágrimas 215

PÁG.
Tierras de la Vírgen 217
Tisicasinha 219
Ruiva de Léopoldville 221
La complainte des Trépassés. 223
Aos quinze anos de Donasinha Margarida Y. de O. . . . 225
As três moirinhas do amor 227
Fogueira de São João 229
O Matiz dos olhos. 245
Virgens fátuas 247
Menina e moça. 249
Cantigas de mal dizer 253
Quelques víolettes 257
Sonho de primavera 259
Brasileirinhas de Paris 261
Christmas song 263
Kinder Lied. 265
As comendadeiras amarelas 269
Revival 271
Voler di cuore 273
Singra o meu barco 275
A si mesmo. 277
Fim 279

VII

A Lâmpada votiva

Ante o céu austral. 283
Reflorir 289
Elegia dos Matalotes 291
Noite de crime 295
As vítimas 297
Ave-Marias 299

Pág.

Jardins da guerra 301
Requiem. 303
Esparsas de um sonho morto 305
Aos soldados mortos 307
Sorella Morte 309
Perhaps to dream... 313
Poslúdio 315

Glossário de termos luso-orientais e estrangeiros 317
Erratas 335

BINDING LIST MAR 15 1941

389952
Osorio de Castro, Alberto
O sinal da sombra.
LPor
08358s

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED